



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A TORCIDA ORGANIZADA NO JORNALISMO  
ESPORTIVO BRASILEIRO**

**LIVIA MUNIZ FABIANO**

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A TORCIDA ORGANIZADA NO JORNALISMO  
ESPORTIVO BRASILEIRO**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**LIVIA MUNIZ FABIANO**

**Orientador: Prof. Gabriel Collares Barbosa**

RIO DE JANEIRO  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A Torcida Organizada no Jornalismo Esportivo**, elaborada por Livia Muniz Fabiano.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Nilo Sergio Silva Gomes  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Marcio Tavares D'Amaral  
Doutor em Letras pela Faculdade de Letras - UFRJ  
Departamento de Comunicação – UFF

RIO DE JANEIRO

2016

## FICHA CATALOGRÁFICA

FABIANO, Livia Muniz.

A Torcida Organizada no Jornalismo Esportivo Brasileiro. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientador: Gabriel Collares Barbosa

**FABIANO, Livia Muniz. A Torcida Organizada no Jornalismo Esportivo.**  
Orientador: Gabriel Collares Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em  
Jornalismo.

## **RESUMO**

Este trabalho mostra notícias e matérias especiais sobre torcidas organizadas e torcedores comuns, em alguns dos principais portais, sites de jornalismo esportivo, emissoras ou programas sobre esportes em canais de televisão. O objetivo é entender como estes grupos são apresentados e os critérios para suas aparições em conteúdo jornalístico, seja como protagonistas ou como suporte para material específico de futebol. Assim, percebemos que, poderemos avaliar se, ao mesmo tempo que existe um tipo de demonização das organizadas, há também uma valorização da mercadoria que elas oferecem, o que também as fortalece. O projeto ainda inclui uma reflexão sobre o surgimento das torcidas organizadas, seus aspectos sociais e a relação histórica com o jornalismo e a crônica esportiva brasileiros.

Dedico este trabalho aos meus pais, Jorge e Eliane, e a todas as mulheres que amam futebol e ainda sofrem com o machismo presente em praticamente todos os aspectos deste esporte no Brasil.

"O futebol só começou a ser histórico quando apareceu o primeiro torcedor. À sombra do primeiro, apareceram os outros. O jogador sentiu uma diferença que não sabia explicar. Até que descobriu tudo: era o nascimento da torcida"

- Nelson Rodrigues

## **Sumário**

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. FUTEBOL, TORCIDA E SOCIEDADE .....</b>	<b>12</b>
2.1 História e contexto social do futebol e das torcidas.....	14
2.2 A torcida como identidade.....	26
<b>3. ESPORTE NO JORNALISMO .....</b>	<b>31</b>
3.1 Espetacularização do esporte nos meios de comunicação.....	33
3.2 Valor-notícia e critérios de noticiabilidade .....	39
<b>4. DOIS LADOS DA TORCIDA NO JORNALISMO.....</b>	<b>41</b>
4.1 Lado A.....	42
4.2 O Lado B.....	48
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>6. APÊNDICES.....</b>	<b>55</b>
<b>7. ANEXO .....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>66</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Foi no dia 12 de novembro de 2000, que fui pela primeira vez a um estádio de futebol. Camisa e short falsificados, meiões na altura dos joelhos e cabelos amarrados duas marias chiquinhas, a melhor vestimenta possível para assistir a um clássico no Maracanã e ver o seu time perder de 2 a 1 para o Botafogo. Ainda assim, a experiência é inesquecível, especialmente por uma razão: estar de alguma forma dentro do jogo por fazer parte da torcida que apoia o time no estádio. Ser uma torcedora do Vasco foi o que me levou a ser uma apaixonada por futebol. A partir disso, passei a acompanhar não somente o que dizia a respeito ao meu time, mas também a outras equipes e jogadores do mundo inteiro, até perceber que aquilo que estava nos periódicos nem sempre transmitiam a visão mais agradável do que era uma torcida, a torcida pela qual me encantei aos sete, muito embora jamais tenha me envolvido diretamente. E quando decidi que era o momento de assumir responsabilidades, como jornalista e como torcedora.

Todo jornal impresso de grande circulação e toda emissora de TV aberta no Brasil têm algo em comum: uma seção dedicada aos esportes. O interesse do público que consome esse tipo de notícia é tão grande que jornais, revistas e canais televisivos foram criados especialmente para se falar e dar informações sobre esportes. Com o advento da internet, essa relação entre leitores e jornalismo também atingiu sites especializados em esportes e áreas específicas em portais. Não é novidade que, mesmo nos departamentos dedicados ao esporte em geral, a maior parte da cobertura jornalística está direcionada para a paixão nacional do país: o futebol. Cinco vezes campeã em Copas do Mundo, a Seleção Brasileira despertou um interesse enorme dos brasileiros para o futebol, com sua transmissão e notícias relacionadas ao tema. No entanto, os clubes também tiveram papel vital no encantamento do brasileiro para com o esporte e foram muito mais significativos na construção do torcedor como função social.

O jornalismo esportivo e torcidas passaram a caminhar juntos, uma vez que o interesse dos torcedores era o que movimentava a apuração e pautas sobre o futebol nas redações. E o papel desempenhado pela torcida, especialmente a organizada, mostram

que os torcedores e amantes de futebol também engrandeceram o material produzido pelos jornalistas.

A partir disso, este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre torcidas organizadas e jornalismo esportivos, a fim de entender o que está por trás do tipo de abordagem adotada pelos jornalistas brasileiros atualmente. Serão apresentados dois lados de uma moeda, ou melhor comparando, de um disco de vinil: o Lado A, é aquele em que veremos um material mais favorável às organizadas, com um estilo que por vezes vai exaltá-la, ainda que muitas vezes não se tenha a intenção de fazê-lo. Já o Lado B é o que vai tratar o assunto de maneira mais crítica, a partir dos casos de violência e com um viés que pode causar certo incômodo por trazer imagens e narrativas mais pesadas, mas que bizarramente parecem despertar ainda mais o interesse de leitores e espectadores, e também do próprio jornalismo.

Para esta monografia foi realizada uma pesquisa descritiva, com estudos descritivos e pesquisa de opinião. Foram estudados autores que referendasse os conceitos abordados, principalmente em relação às torcidas organizadas, cujas referências estão cada vez mais presentes nos estudos acadêmicos e menos em abordagens jornalísticas e literárias. Foi preciso construir um embasamento histórico do futebol, das torcidas organizadas e da própria sociedade brasileira para entender como cada um destes aspectos se apresentam atualmente no jornalismo e construíram sua abordagem. Analisar aspectos essenciais dos jornais, como valor-notícia e critérios de noticiabilidade, também se fez necessário.

Além da referência bibliográfica, ainda foram utilizadas matérias e notas, especiais ou factuais, acerca de torcidas organizadas, bem como dados e estatísticas produzidos por empresas de mercado especializadas. Por fim, o estudo apresenta entrevistas opinativas, junto ao coordenador de futebol nacional do site Globoesporte.com, Rodrigo Alves, o editor-chefe do site Goal Brasil, Felipe Torres, e o presidente da Associação Nacional das Torcidas Organizadas e da torcida organizada Dragões da Real, André Azevedo.

O presente estudo tem como objetivo compreender o tipo de abordagem realizada pelo jornalismo esportivo e perceber se há um maniqueísmo no jornalismo e nas torcidas organizadas, se é possível definir quem são os mocinhos e vilões do futebol brasileiro apenas com as leituras do material apresentado pela mídia. E, principalmente,

entender se cada um deles pode ser considerado apenas mocinho ou apenas vilão. Assim, o primeiro capítulo faz um retorno no tempo para entendermos a maneira como o futebol foi criado, embora claramente tenha aparecido em sociedades mais antigas. Em seguida, o apanhado histórico identifica quando o esporte chegou e como foi aplicado no Brasil, e em que momento as pessoas que acompanhavam o esporte começam a amá-lo, a venerá-lo, em que momento elas se tornam torcedores e, o mais importante, o quando esses torcedores passaram a se juntar de maneira organizada. No segundo capítulo, é apresentado o surgimento da relação entre torcidas e jornalismo esportivo, que em um primeiro momento cresceram em mutualismo até chegarem a uma época em que os valores-notícia e critério de noticiabilidade modificam a estratégia das redações para apresentar as organizadas. Já no terceiro capítulo, essas estratégias são melhores apresentadas, definidas e justificadas. Por fim, será mostrado que para o mal e para o bem – e eles podem ser apresentados lado a lado em um mesmo caso – jornalismo esportivo e torcidas organizadas irão ser responsabilizados pelos seus erros e acertos no cenário futebolístico.

## 2. FUTEBOL, TORCIDA E SOCIEDADE

Gostar de futebol não é unanimidade no Brasil. Nem todo mundo aprecia ver 22 homens correndo por um campo gramado com dimensões de 105m x 68 m - de acordo com o padrão da FIFA- todos mirando uma bola esférica cuja velocidade vai depender se os engenheiros das empresas de material esportivo estão mais favoráveis ao artilheiro ou ao defensor. Ainda assim, ser torcedor parece uma função mais inerente ao brasileiro do que propriamente gostar de futebol e, definitivamente, muito mais do que entender sobre futebol.

Muitos historiadores divergem em relação ao pioneirismo de Charles Miller na propagação do futebol no Brasil. Em julho de 2015, o historiador Ernesto Giudice Filho trouxe à tona registros do Instituto Metodista Granbery, em Juiz de Fora, Minas Gerais, que indicam a disputa de uma partida de futebol entre os alunos realizada em 1883, dois anos antes do primeiro jogo ser registrado por Miller em São Paulo.

Se a origem do esporte no Brasil é incerta, a dos primeiros torcedores um pouco mais, ainda que a etimologia da palavra ‘torcedor’ traga alguns sinais mais firmes de onde tudo começou: o campo do Fluminense, nas Laranjeiras.

Como explica Murad:

No Brasil, a origem da palavra torcedor vem de torcedora. Numa crônica do início do século XX, o escritor e dirigente do Fluminense Coelho Neto dissecou as mocinhas casadoiras torciam seus lencinhos de renda pelos jogadores preferidos dentro de campo, também pensando neles como pretendentes a marido. Essas mocinhas receberam o nome de torcedoras, e, em outra crônica, a expressão se estendeu a todos, homens e mulheres, que torcem, contorcem o corpo e distorcem tudo... assim são os torcedores. MURAD (2012, p.36)

Algo que mostra como torcida e imprensa andam lado a lado desde o primeiro grito de gol. A própria palavra ‘torcedor’, usada para exemplificar o amante do futebol, surge através de uma crônica de Coelho Neto, que fundou a cadeira 2 da Academia Brasileira de Letras (ABL), mas que também era pai de Preguinho e Mano, dois jogadores do Fluminense Football Club. Por isso a associação com ‘mocinhas casadoiras’.

Foram os cronistas do início do século XX que transmitiram, através de suas palavras floreadas, os acontecimentos dos campos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Foi por causa de Coelho Neto, que entendemos o apaixonado por um time de futebol como um aflito e não como um doente, como acontece na língua espanhola com os

hinchas ou na língua italiana com os tiffosi, ainda segundo Murad. Foi a partir de uma crônica jornalística que associamos o torcer ao amor pelo esporte antes de qualquer outra coisa. E foi com Coelho Neto que vimos a espetacularização do jogo de futebol através das impressões de um espectador do esporte mais amado do Brasil.

Todo o processo de organização dos clubes, torcida e imprensa esportiva foi fomentado graças à urbanização das cidades do país. E esse processo explica muito a força de alguns clubes e eixos esportivos dentro do Brasil, como a relevância dos times de São Paulo e do Rio de Janeiro, além de Belo Horizonte e Porto Alegre. Além de surgirem em cidades mais urbanizadas, com maior população e contando com os principais veículos midiáticos do país. É claro que ao decorrer dos anos, a relação entre torcedores e a imprensa se intensificou, especialmente pela crescente profissionalização do esporte. Os clubes se desenvolveram e absorveram essa mesma profissionalização das torcidas, que segundo Toledo, já existiam na década de 40. Eram as famosas charangas, bandas que animavam as partidas dos times.

De acordo com Toledo:

Em 1942, um funcionário federal no Rio de Janeiro chamado Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor do Flamengo, funda a famosa Charanga, uma banda musical que animava os jogos do time. [...] Naquela cidade este torcedor foi o primeiro a equipar os simpatizantes de um determinado clube com uniformes e música. Foi assim que os torcedores começaram a entrar dentro de campo com os seus times do coração. Foi assim que surgiram os 12º torcedores de cada equipe, transformando o futebol em mais do que um esporte, um espetáculo. Não havia, a princípio, uma disputa física entre torcedores de equipes diferentes da mesma cidade. A rivalidade que hoje impera dentro e fora dos estádios de futebol, só ficava no show das bandeiras. TOLEDO (1996, p.21)

Ao entrevistar Jaime Rodrigues de Carvalho em 1974, para a revista Placar, Jaime Aersa destaca que já não havia diferenças para o clima que era vivido pelos torcedores 30 anos antes, pois o “objetivo da torcida organizada era apenas o de incentivar seu time. E do outro lado do estádio ninguém via inimigos, mas apenas adversários que deviam ser superados não na força, e sim na festa das bandeiras, na animação das batucadas”.

O futebol se profissionalizou e tornou-se rentável à clubes e entidades. Partidas em transmissões de rádio e TV, crônicas esportivas nos jornais e revistas. E torcedores engrandecendo o já grande espetáculo que tudo se tornou. Mesmo na década de 40, o papel das incipientes torcidas organizadas estava demarcado, estruturada pelo Conselho

Nacional de Desportos que foi instaurado no Estado Novo com Getúlio Vargas, organizando e hierarquizando as ligas, federações e confederações de futebol.

E nesse processo de profissionalização cresceram os clubes, cresceram as torcidas, cresceram o espaço de ambos no jornalismo esportivo. Fotos, áudios, ilustrações. As torcidas, especialmente pelo trabalho das organizadas, entravam para emoldurar crônicas e notícias. E esses recursos são utilizados até hoje pela imprensa brasileira. Mas em certo ponto, as charangas deixam de ser charangas. A banda de um clube deixa de cantar mais alto do que a banda do rival. A rivalidade sai do duelo de bandeiras nas arquibancadas e as torcidas organizadas iniciam a guerra entre torcidas rivais, dentro e fora dos estádios.

É difícil determinar como as primeiras organizadas como conhecemos hoje se formaram e qual o objetivo delas. Pode muito bem ter sido político, uma ferramenta de dirigente para atingir o poder dentro das agremiações com um apoio maior, ainda que não do torcedor comum. Mas há quem defenda que esses grupos organizados nasceram para brigar, como vemos em crônica esportiva da Folha de S. Paulo do dia 9 de fevereiro de 1992: “(...) A primeira torcida organizada de SP foi criada para bater. A Gaviões da Fiel, fundada em 1969, tinha como intuito “derrubar” o presidente corintiano Wadih Helou. A Mancha Verde, surgiu para acabar com a história de sermos saco de pancadas dos outros (...)”.

Nas relações de poder das organizadas, a violência pegou carona, e não ficou de fora dos holofotes da mídia. E nem deveria. Mas ao mesmo tempo que passou a demonizar grupos de torcedores por episódios de conflitos, a imprensa seguiu usando de velhos artifícios vendidos pelas organizadas para emoldurar e vender conteúdo. O canto da torcida continuou aparecendo no sobe som dos VTs; a foto dos papéis picados ainda ilustra o momento que time entra em campo; o mosaico matematicamente estudado por diretorias de organizada ainda ganha os pôsteres de campeão.

## **2.1 História e contexto social do futebol e das torcidas**

Para estudar as demonstrações de violência entre torcedores, é preciso levar em consideração a origem do esporte. Obviamente, voltaremos no tempo, mais precisamente para 1863, quando o futebol nasceu na Inglaterra.<sup>1</sup>

Citando Murad:

O futebol, tal como o conhecemos, nasceu em Londres, Inglaterra, quando foi criada a Football Association, em 1863, como parte da história do processo de civilização, numa tentativa de "superação da barbárie", ou seja, dos jogos anteriores, quase sem regras e quase sem limites para a ação física dos praticantes. MURAD (2012, p. 67)

Mas a tal barbárie dita por Murad veio muito tempo antes do nascimento da federação inglesa de futebol. Existem relatos de práticas que datam de milênios atrás e que podem ser consideradas precursoras do futebol. Tais práticas aparecem de diversas formas e em vários lugares do mundo. Curiosamente, também é possível traçar, como ressalta Murad (2012 p. 66), uma dualidade entre os precursores do futebol que possivelmente foi carregada para o esporte como conhecemos hoje, mostrando a presença de um estilo mais forte, ligado a doutrinas de guerrilha, e outro mais artístico, relacionado a doutrinas pedagógicas.

Do lado mais violento da moeda, encontramos o Tsu Tsu, praticado na China antiga por volta de 2600 A.C. Nele, duas equipes se enfrentavam em um combate e, ao final, a tribo vencedora usava as cabeças da tribo perdedora para jogar o Tsu Tsu (*tsu* = chutar / *tsu/chu* = bola). O objetivo era fertilizar a terra com o sangue dos inimigos, a fim de melhorar a qualidade da colheita e, consequentemente, dos alimentos. Mesmo praticado quase mil anos depois e nas regiões das Américas do Norte e Central, o Tlachtli também era um ato de guerra, como foi o Tsu Tsu. Nele também havia a decapitação do time perdedor, e os vencedores acreditavam que o seu sangue era uma oferenda aos deuses. Um ato sagrado.

Já no outro *lado da moeda*, temos o Kemari no Japão, na mesma época em que o Tsu Tsu era disputado na China. Ao contrário dos outros exemplos citados, o Kemari (*ke* = jogo, *mari* = pé) não é uma disputa, mas sim uma prática que busca disciplina e autocontrole. Talvez por seu fator menos agressivo, sua prática persiste no país asiático como um forte aspecto cultura. Inclusive, existem demonstrações gratuitas do Kemari, que não é reconhecido como esporte, em várias épocas do ano. Outra prática que exemplifica a parte educacional do esporte foi o Matanaaríti, presente na

---

<sup>1</sup> Antes das regras e normas que até hoje são aplicadas no esporte, ele já era praticado de outras formas.

América do Sul, inclusive o Brasil, e aplicado por tribos indígenas em 1000 A.C. Segundo Murad (2012 p.69) "pés, pernas, costas e nádegas podiam ser usados para controlar a bola, mas a disputa era quase sempre com cabeçadas". O importante é destacar que o Matanaaríti era uma forma de ensinar o respeito pelo jogo e pelo próximo em sua prática, algo que Murad considera ser a origem arcaica do *fair play* adotado por entidades esportivas em todo mundo, não apenas no futebol.

Revisitadas estas práticas anciãs, podemos entender as razões da adoção oficial de regras para um esporte que já vinha sendo praticado por diversos lugares do planeta de forma distinta. Mas também podemos depreender os motivos pelos quais, ainda hoje, encontramos violência e beleza, fúria e equilíbrio, paixão e autocontrole no esporte que está sendo jogado em campos de várzea e arenas milionárias ao redor do planeta.

Como diz Murad:

Não parece ser essa a mesma tensão que cerca o futebol de nossos dias - uma oscilação entre a violência e arte, entre agressividade e estética? Talvez uma boa maneira de resumir essa tensão seja com a discutida - e tantas vezes discutível - ambiguidade entre os chamados futebol-força e futebol-arte. Será que o futebol convive mesmo com essas duas dimensões? É possível que sim, e desde suas manifestações mais antigas. (MURAD, 2012 p. 66-67)

E embora as regras da *Football Association* (FA) tenham trazido ordem para futebol, o esporte carrega marcas de suas origens, como por exemplo a tal ambiguidade do futebol-força e futebol-arte. Mas esta ambivalência ainda traz uma luz sobre a forma como os seus amantes se comportam diante das partidas. Quando começam a avaliar a relação entre torcedores, estudiosos invariavelmente remontam às origens do esporte para elucidar a forma como o esporte desperta o interesse de grupos e classes sociais em diferentes países.

De acordo com Elias e Dunning:

Pode dizer-se que qualquer variedade do desporto possui uma fisionomia própria. Ela atrai as pessoas segundo as características específicas da sua personalidade. Isso acontece porque possui uma certa autonomia em relação não só aos indivíduos que jogam num determinado momento mas, também, à sociedade onde se desenvolveu. ELIAS & DUNNING (1992, p. 67)

O que os autores defendem é que a paixão do torcedor pelo esporte e pelo clube, nasce a partir do reconhecimento de suas próprias características nestes aspectos, além é claro, da influência do espaço onde o indivíduo vive. Querendo ou não, o ser está propenso a gostar de futebol pois ele traz a ambiguidade de força-equilíbrio que ele está



acostumado a viver em outros âmbitos sociais. E a violência dentro do esporte existe porque também está presente em outros âmbitos.

Como Rouquette defende, está é uma orientação um tanto polêmica, pois quando remetemos aos movimentos políticos totalitários do século XX, assumimos a responsabilidade das populações de países como Alemanha, Itália e Espanha na ascensão do nazi-fascismos. No entanto, o autor é favorável ao discurso ao falar em relação às novas formas de sociabilidade, como são os amantes de futebol e grupos de torcedores, que se identificam com o esporte/clubes por questões pessoais e comportamentais.

Rouquette diz:

Embora não seja seguramente suficiente, o papel dos fatores psicossociais é evidentemente necessário, pois nem autômatos nem átomos, nem “monades”<sup>2</sup>, nem folhas ao sabor do vento, os indivíduos carregam consigo sua identidade, seus envolvimento e a sua história. Constantes ou ocasionais, seus atos não escapam à influência desta bagagem; e mais, eles se efetivam em função desta mesma bagagem, de seus constrangimentos e de seus recursos. Chega-se assim, aqui, a definir um campo onde o encadeamento de condutas pode se produzir e vir a ter um sentido. ROUQUETTE (p.202)

Com essa ideia em mente, voltamos até o surgimento das regras de futebol como conhecemos hoje com a fundação da FA. O esporte ganha um papel fundamental na Revolução Industrial como instrumento de lazer e cresce a partir daí. No entanto, o futebol não fica apoiado somente no hedonismo, mas também contribui para o florescimento de uma postura mais raivosa, mais violenta. Seria, um lazer desviante, pois se inclina para o conflito físico em um momento que deveria ser de diversão. (STEBBINS, 1997; ROJEK, 1999; WILLIAMS ; WALKER, 2006).

É neste contexto histórico que surgem os primeiros *hooligans* na Inglaterra. Estes são os primeiros brigões de torcida organizada, que depois também aparecem em versões semelhantes em outros países onde o futebol também é um instrumento sócio cultural, como os *ultras* na Itália, os *barra bravas* na Argentina, as torcidas organizadas no Brasil - ainda que diferentemente do caso em português brasileiro, os exemplos anteriores tragam palavras com uma característica morfológica de advérbio. Isso é importante ressaltar pois, posteriormente, vamos perceber que

---

<sup>2</sup> Conceito de Gottfried Wilhelm Leibniz, filósofo alemão do século XVII, e que remete a uma substância simples, algo único, ativo e indivisível.

membros de torcidas organizadas e amantes de times de futebol são identificados da mesma forma no país: são torcedores.

O *hooliganismo* nasce por volta de 1870, e segundo Murad (2012, p.73) sua etimologia está relacionada a uma família de origem irlandesa chamada Houlihan, que viveu em Londres, e eram conhecidos por serem violentos e baderneiros, segundo o dicionário da Universidade de Oxford. Mas apesar dos *hooligans* serem os precursores da torcida organizada, é preciso salientar algumas diferenças entre esses dois grupos. Na Inglaterra, os *hooligans* têm uma forte ligação com partidos de extrema direita, e constantemente defendem questões nacionalistas e xenofóbicas em suas discussões políticas. (Palhares, 2012 p.189). Além disso, esses indivíduos tentam a todo tempo se camuflarem na multidão: usam uniformes dos seus times para não se diferenciarem dos demais torcedores, construindo uma relação com a entidade do clube para quem torcem. É o nome deste time que irá representá-los.

Por sua vez, os membros de torcidas organizadas raramente utilizam camisas oficiais em eventos da torcida e/ou jogos de futebol do time para qual torcem. A identificação acontece de forma mais aplicada pelos canais midiáticos, como "membro da organizada de time X", se não houver a identificação imediata de qual grupo pertence o indivíduo envolvido no episódio noticiado.

Para dar um exemplo dessa distinção, vamos olhar rapidamente duas notícias sobre torcedores em 2015. A primeira<sup>3</sup>, feita no dia 18 de fevereiro, trata de caso ocorrido um dia antes, na partida de ida das oitavas de final da UEFA Champions League da temporada 2014-15 entre Paris Saint-Germain e Chelsea, em Paris. Na ocasião, torcedores do time inglês protagonizaram um ato racista em uma estação de metrô da capital francesa, após o jogo, ao impedirem um homem negro de entrar no vagão, enquanto exaltavam o time e cantavam: "nós somos racistas, nós somos racistas e é desta forma que gostamos". O texto do portal *Terra* também fala que os fãs "devem ser banidos do futebol assim que forem identificados". Pouco mais de cinco meses depois, o mesmo *Terra* notifica<sup>4</sup> a punição: os torcedores do Chelsea foram

---

<sup>3</sup> Notícia do *Portal Terra* publicada no dia 18 de fevereiro de 2015, no link: <http://esportes.terra.com.br/futebol/internacional/liga-dos-campeoes/torcida-do-chelsea-impede-negro-de-entrar-no-metro-de-paris,cfe625bbb1c9b410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em 6 de janeiro de 2016.

<sup>4</sup> Notícia do *Portal Terra* publicada no dia 22 de julho de 2015 no link: <http://esportes.terra.com.br/futebol/por-racismo-justica-bane-torcedores-do-chelsea-dos-estadios-por-5-anos,59b43c04bb1825cdd1f2feddfa35e3febzx7RCRD.html>. Acesso em 6 de janeiro de 2016.

banidos de frequentar estádios de futebol nos próximos cinco anos pela Corte de Magistrados de Stratford, em Londres.

Já no outro exemplo<sup>5</sup>, do *Portal G1*, temos um típico caso de briga entre torcedores de times rivais brasileiros, no caso Fluminense e Vasco. A Polícia Militar do Rio de Janeiro deteve mais de 120 torcedores de ambas as equipes antes do clássico válido pelo Campeonato Carioca, no dia 22 de fevereiro, cinco dias depois do episódio em Paris. A menção a uma torcida organizada acontece apenas na segunda parte do texto.

No entanto, as repercussões e punições deste episódio apresentam algo muito diferente do caso dos hooligans. Dias depois, como noticiou o *G1*<sup>6</sup>, o Ministério Público do Rio de Janeiro determinou a suspensão da Young Flu, torcida organizada do Fluminense, e da Força Jovem, organizada do Vasco da Gama. Os dois grupos deverão se manter afastados dos estádios de futebol brasileiros por um ano.

Ou seja, no primeiro caso, os *hooligans* que tentaram se camuflar na multidão foram identificados e punidos como indivíduos. Já no caso brasileiro, a identificação dos torcedores aconteceu na delegacia de polícia, mas a punição desportiva foi direcionada à torcida organizada pois os torcedores estavam uniformizados e ostentavam os símbolos delas.

Segundo Palhares et al (2012, p.190):

Certamente, ambos os fenômenos convergem na utilização de violência como estratégia de autoafirmação, assim como, na existência de pequenos grupos fanáticos, enfrentamento com a polícia e alto grau de rivalidade. Tais elementos, combinados a outros como: má organização esportiva, declarações vinculadas na mídia e questões físicas do estádio, são também capazes de provocar manifestações agressivas e violentas por parte dos torcedores. Efetivamente, as similaridades entre torcidas organizadas e *hooligans* são maiores do que as diferenças, contudo deve-se compreender o contexto sociohistórico do desenvolvimento de cada fenômeno. Assim, ambos são fenômenos diferentes e necessitam de olhar especial, tendo em vista as peculiaridades de realidades e contextos. (PALHARES et al, 2012 p.190)

---

<sup>5</sup> Notícia do *Portal G1* publicada no dia 22 de fevereiro de 2015 no link: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/02/pm-detem-torcedores-apos-brigas-antes-de-classico-fluminense-x-vasco.html>  
[Acesso em 6 de janeiro de 2016.](#)

<sup>6</sup> Notícia publicada pelo Portal G1 no dia 6 de março de 2015 no link: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/justica-suspende-young-flu-e-forca-jovem-do-vasco-por-1-ano-de-estadios.html>  
[Acesso em 6 de janeiro de 2016.](#)

Por causa das semelhanças e diferenças entre os grupos dos *hooligans* com os membros de torcida organizadas, deve-se então entender o processo de construção do esporte e da formação do último no âmbito nacional. Assim será possível depreender as motivações dos casos de violência fora dos campos de futebol no Brasil.

Com a maior parte dos historiadores concordam, o futebol chegou ao Brasil através de Charles Miller, e rapidamente entrou na programação de clubes esportivos. A princípio, era uma prática da elite brasileira. Homens brancos e ricos estavam permitidos a apreciar e jogar nos primeiros times recém-criados no país. No entanto, não havia uma profissionalização do esporte, que era uma ferramenta de lazer em clubes onde a elite brasileira gastava o seu tempo ocioso. Na mesma década de 1880 em que foram datadas as primeiras partidas de futebol no país, também houve a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Eventos que mudaram as características políticas e sociais do Brasil e que, direta ou indiretamente, iriam influenciar na forma como o futebol seria jogado.

Embora a prática do futebol tenha evoluído durante o século XX, é no início dele que é iniciada a sua propagação e popularização, devido à urbanização das cidades brasileiras. Como destaca Toledo (1996, p.15) “o aparecimento dos primeiros clubes, a formação das ligas, federações, bem como o aumento da demanda pela sua prática e fruição” claramente acompanhou este processo de urbanização, profissionalizando cada vez mais o esporte.

Em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, que receberam enormes contingentes de migrantes e imigrantes, tornou-se comum que pessoas com origens semelhantes se agrupassem em espaços, criando laços entre eles. Por exemplo, a comunidade italiana reunia-se em uma certa região da cidade e apoiavam-se entre eles. O mesmo aconteceu com determinados grupos de trabalhadores, como, por exemplo, operários de fábricas. Essa categoria é um tanto quanto especial, pois com a urbanização das cidades era comum o surgimento de pólos industriais que atraíam pessoas de todas as partes do país. A semelhança entre essas pessoas vindas de toda e qualquer parte do território nacional era justamente trabalharem como operários em uma mesma fábrica ou indústria.

Assim, começam a surgir os clubes mais tradicionais do país voltados especialmente para o futebol. Seguindo os exemplos dados anteriormente, temos o

Palestra Itália fundado por imigrantes italianos, em São Paulo, e que hoje é a Sociedade Esportiva Palmeiras, assim como o Bangu Atlético Clube, no Rio de Janeiro, formado por operários da extinta Fábrica de Tecidos Bangu, ainda que sua origem estivesse mais atrelada aos ingleses que instalaram a fábrica no bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Dos nove membros fundadores do Bangu, sete eram ingleses, um era italiano e apenas um era brasileiro.

De qualquer forma, no cenário carioca é preciso ter em mente uma estrutura especial para a formação dos clubes, pois três das principais equipes que até hoje disputam os principais campeonatos nacionais tiveram uma espécie de pré-história, ou seja, uma formação antes de admitirem o futebol entre suas práticas. Pois bem, tanto Botafogo, como Flamengo e Vasco da Gama têm suas raízes no remo. Sim, o exemplo das construções sociais também pode ser visto, uma vez que o Vasco, por exemplo, foi criado pela comunidade portuguesa no Rio de Janeiro. Mas os primórdios destes clubes estão muito mais relacionados às práticas do remo, tanto que, até hoje, mesmo o futebol sendo a maior força dessas instituições, a história se mostra presente em seus nomes: Botafogo de Futebol e Regatas, Clube de Regatas do Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama. Todos surgidos na virada do século – Flamengo e Vasco um pouco antes e Botafogo imediatamente depois. É apenas nas primeiras décadas do século XX que o futebol vai ‘nascer’ para estes clubes.

Todavia, a formação das primeiras equipes profissionais atreladas a clubes de futebol ainda carregava a origem elitista desta prática esportiva. Jogadores negros não podiam atuar lado a lado com atletas brancos e foram preteridos durante anos, mesmo que mostrassem ‘talento’ com os pés.

Existem muitos relatos historicamente confirmados em que clubes burlavam essa segregação racial dentro do futebol. O Fluminense, por exemplo, é conhecido até hoje com ‘Pó de Arroz’, por usá-lo em jogadores negros para que eles pudessem se disfarçar de brancos e atuar em partidas oficiais.

Somente na década de 20 é que a situação começaria a mudar. O Bangu foi o pioneiro na escalação de homens negros ao lado de brancos, pois eles já trabalhavam juntos na fábrica têxtil. Entretanto, é com o Vasco da Gama que a inclusão de jogadores negros ganha força, como destaca a maioria dos historiadores. Especialmente porque, como aponta Filho (2012, p.191) os atletas do Bangu trabalhavam nas fábricas e

treinavam apenas às quintas-feiras, enquanto os jogadores do cruzmaltino treinavam todos os dias. Além disso, a grandeza esportiva e política do Vasco já era superior ao do Bangu naqueles tempos.

Filho continua:

Bangu nunca tinham sido campeões, enquanto o Vasco venceu o campeonato logo de cara. Entre os grandes clubes, Bangu continuava sendo o mesmo Bangu, um clube de fábrica e trabalhadores que nunca tinha vencido um campeonato. Mas com o Vasco isso era diferente. O Vasco tinha crescido muito no último ano. Eles logo fizeram seu próprio campo e estádio, e depois disso nenhum clube podia vencê-los. FILHO (2014, p. 191 – tradução nossa)<sup>7</sup>

Toda essa segregação dentro de campo revela um comportamento violento para com minorias. Obviamente, este tipo de violência é apoiado pelo contexto segregador em que também vivia a sociedade brasileira da época, mas diz muito sobre como o esporte absorve as características do povo que o pratica. Por exemplo, Murad (2012, p. 77) acredita que o estilo brasileiro de jogar, com dribles e ritmo cadenciado, diferente do estilo europeu, mais rígido, deve-se “as raízes culturais de nossas classes oprimidas que se fizeram presentes”.<sup>8</sup>

Mas a medida que o futebol foi se popularizando, a opressão contra os negros dentro do esporte foi ficando menos acentuada, especialmente pelo surgimento de grandes ícones negros no futebol brasileiro, como Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Barbosa, entre outros. Sem falar no maior jogador brasileiro, e de todos os tempos, Pelé, que dominou os gramados no início da segunda metade do século XX.

O futebol tornou-se uma prática popular e já atingia todas as classes sociais. Havia times considerados de elites, bem como equipes que conquistavam as classes mais baixas da população, ainda que a rivalidade entre os clubes não seja exatamente fruto da luta de classes, mas sim uma construção que nasceu com o esporte. E não apenas no futebol. Afinal, o esporte é uma disputa entre dois lados, um vencedor e um perdedor, ainda que no futebol o empate também seja permitido na maioria das vezes.

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: Bangu had never been champions, while Vasco had won the championship right off the bat. Among the big clubs, Bangu would remain the same Bangu, a worker and factory club that had never won a championship. But with Vasco it was different. Vasco had grown too much within a year. They would soon have their own field and stadium, and after that no club would beat them.

<sup>8</sup> Murad (2012, p. 91) defende que o drible foi uma ferramenta criada pelos jogadores negros para escapar da violência, pois mesmo após a liberação de times com negros e brancos, os primeiros apanhavam mais devido a preservação da cultura racista. O autor ainda explica que o drible já existia no futebol inglês, mas seu significado remete passar a bola e não passar com a bola como acontece aqui. Este é um dos aspectos que caracterizam o ‘estilo brasileiro’ de jogar futebol.

A dinâmica do futebol atraiu jogadores profissionais e amadores, mas também os torcedores, apaixonados pelo esporte. Ainda que a força dos clubes pese na identificação de cada torcedor para com determinado time e isso possa torná-lo mais apaixonado pelo esporte.

Quando as primeiras torcidas surgem da década de 40 como bandas e charangas, o primeiro sentimento era de apoio às equipes. O esporte se popularizava e também estava cada vez mais profissional, muito devido ao investimento do Estado, que impulsionou a regulamentação de clubes, federações e competições. Além, é claro, do fim da segregação a jogadores pobres, operários e negros. Essa abertura às “classes populares possibilitou um jogo tecnicamente melhor e os jogadores passaram a receber pela habilidade que desempenhavam em seu ‘trabalho’” (Souza, 2014 p. 41). Uma estratégia que incomodou os clubes mais elitistas do país, mas fortaleceu a prática do futebol, que se tornou paixão nacional.

É na crista dessa onda que as torcidas organizadas também irão nadar para fortalecer seu valor. A princípio, as charangas tinham como objetivo principal apoiar o time nas partidas, cantar mais alto que os torcedores rivais durante os 90 minutos de jogo. Mas a festa efusiva das torcidas começa a crescer e se tornar relevante. Os torcedores começam a ganhar espaço dentro dos clubes, que passam a fornecer ingressos e entrada facilitada às organizadas. A força política destes grupos dentro das entidades de futebol começa a florescer.

Não é à toa que já na década de 70 a relação entre torcidas organizadas já não era a mesma dos primórdios, das ‘charangas organizadas’. Ainda que tenham levado consigo os aspectos da originalidade, símbolos, emblemas e material esportivo exclusivo, ou seja, a parte do que criado e fornecido oficialmente pelos clubes, as organizadas começam a moldar definitivamente o seu papel dentro da estrutura futebolística do Brasil.

As relações com os clubes muitas vezes viram parasitárias, com pressão dentro e fora das quatro linhas por mudanças nas equipes, muito também em virtude da maior valorização do esporte, especialmente após a adoção do Campeonato Brasileiro unificado, em 1971. A década de 70 foi de fato uma virada: campeonatos tornam-se mais importantes para os clubes, com mais status e mais capital envolvido. O futebol não era mais somente o ópio do povo.

Mais uma vez, o contexto político-social foi vital nesse processo, uma vez que o governo militar fomentou as práticas esportivas e sua cobertura através de jornais e radiodifusão. Uma forma de acalmar os ânimos da massa em tempos de opressão nas ruas e crise financeira sufocando as classes mais baixas do país. Crise que não impediu “a construção de 30 estádios de médio e grande porte em inúmeros estados do país, no período compreendido entre 1972 e 1975” (Toledo, 1996 p. 25).

A velha e quase sempre infalível tática do ‘pão e circo’ foi usada como ninguém pelo Estado. Os títulos da Seleção Brasileira aliviam o clima de tensão e exaltavam o patriotismo, além de fortalecerem o futebol como esporte favorito dos brasileiros.

Essa paixão claramente era absorvida pelos clubes e pelas torcidas organizadas. Este último, no entanto, também absorveu os aspectos de violência adotados pela Ditadura Militar no Brasil. As organizadas, cujo objetivo era animar o time e cantar mais alto, agora se enfrentavam nas arquibancadas e nos arredores dos estádios. E a violência não é a única herança deixada pelos militares aos grupos.

Murad destaca:

Os próprios torcedores usam termos militares, autodenominando-se pelotões, destacamentos e tropas de choque, e chamam os líderes de capitães, tenentes e sargentos. Nesses casos, os símbolos são militares, como também são militarizadas as relações de poder, hierarquia interna e ações coletivas. MURAD (2012, p.90)

A grande maioria das torcidas mais tradicionais e violentas dos principais clubes brasileiros atualmente foram fundadas no final dos anos 60 e no decorrer dos 70: Máfia Azul do Cruzeiro (1977), Gaviões da Fiel do Corinthians (1969), Raça Rubro-Negra do Flamengo (1977), Young Flu (1970), Torcida Jovem do Grêmio (1969), Camisa 12 do Internacional (1969), Torcida Jovem do Santos (1969), Torcida Independente do São Paulo (1972), Força Jovem do Vasco (1970).

Houve períodos em que os confrontos foram de certa forma amenizados, como destacou Murad (2012, p. 105), em que jogadores profissionais e ídolos de clubes usavam um discurso de amizade e paz nos estádios para tentar evitar conflitos. O autor lembra que Zico e Roberto Dinamite, heróis das torcidas de Vasco da Gama e Flamengo, respectivamente, trocavam abraços em campo, palavras de incentivo e conseguiam apaziguar minimamente algumas tentativas de conflitos que cresceram tanto nas décadas de 70 e 80.



Só que a raiz do problema era realmente a estrutura da sociedade brasileira, que desde a colonização portuguesa, que escravizou os povos indígenas e depois os africanos, aplica medidas punitivas e corretivas no outrem. Isto não se modificou com a Era Vargas, não se modificou com a Ditadura Militar. E também não se modificou com a introdução da narcocultura dentro das torcidas organizadas, um movimento que se fortaleceu nos anos 90. Todo esse contexto histórico se faz necessário para explicar como o futebol como um fenômeno social, além do esporte e da prática, mas algo que interfere e é interferido em grupos de indivíduos. Como Murad (2012, p.98) destacou: “Em outras palavras [...] o futebol é uma metáfora, uma representação, uma síntese da sociedade, de suas raízes históricas, da formação social, de seus dilemas e contradições”.

Mesmo nos dias de hoje, a prática do esporte e suas formas de torcer estão recheadas de comportamentos daqueles que dominam as arquibancadas dos estádios de futebol do Brasil: homens e jovens, ainda que de diferentes classes sociais. Esse perfil de torcedor foi identificado em estudo recente feito no estado de São Paulo pelo Museu de Futebol em parceria com o Centro de Pesquisa e Documentação da Escola de Ciências Sociais da Faculdade Getúlio Vargas, em 2015.

Um perfil que reflete as razões pelas quais as torcidas carregarem características homofóbicas e machistas para as arquibancadas. E isto pode ser observado em letras de músicas de apoio aos times, como em reações específicas como xingamentos e críticas ofensivas a árbitros (homens ou mulheres) e a jogadores (do time rival ou do próprio time). Ser torcedor homossexual ou mulher ainda é um pouco difícil no país; mesmo que o segundo grupo tenha encontrado um bom espaço nos estádios nos últimos anos, as características machistas das torcidas em geral não foram alteradas.

Essa discussão nos leva de volta a ponto de que os torcedores refletem as questões sociais do país. No último relatório anual divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em 2015, que aponta o número de assassinatos de homossexuais em todo o país relativos a 2014, o Brasil ficou em primeiro lugar. No total, foram 326 mortes de gays, travestis e lésbicas no Brasil, incluindo 9 suicídios, correspondendo a um assassinato a cada 27 horas.

No caso das mulheres brasileiras, os dados são tão alarmantes quanto. O estudo realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) em parceria

com a Organização das Nações Unidas (ONU) colocou o Brasil em 5ª lugar mundial no ranking de feminicídios. Os dados divulgados, também em 2015, apontam 4.762 mortes violentas de mulheres em 2013. As mulheres negras são as mais afetadas.

Se estes números refletem as características machistas e homofóbicas da sociedade brasileira, mas também o quão violenta ela é. E os altos índices de violência no país também se estende para outros aspectos sociais. A mesma Flacso, desta vez em parceria com a Unesco e a Secretaria Nacional de Juventude e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, realizou um estudo sobre os índices de mortes por armas de fogo no país: 42.416 óbitos foram registrados no ano de 2012, o que equivale a 116 mortes por dia no Brasil. Neste estudo ainda é possível destrinchar dois aspectos – o primeiro é que os negros morrem mais, o segundo é que homens jovens também são os mais afetados (a faixa dos 19 anos tem taxa de 62,9, a maior de todas). Este último aspecto é similar ao do perfil de torcedores presentes nas canchas brasileiras.

A apresentação destes estudos corrobora a ideia de que a cultura apresentada dentro das torcidas brasileiras é um reflexo da cultura apresentada pela sociedade brasileira como um todo, bem como o seu caráter violento, especialmente em direção a grupos de minorias.

Para Murad:

Portanto, para entender a violência no futebol, aquela que chamamos de violência do público, é preciso começar a compreender a violência que a precede – a violência pública. E esta, como já vimos, tem raízes culturais, sociais, históricas, humanas. Para entender a violência no futebol de determinado país, é preciso contextualizá-las nas violências macrosociais no e do país em questão. E, para tanto, é necessário estudar um pouco a sua cultura, sociedade e história. (MURAD, 2012 p.13)

## **2.2 A torcida como identidade**

Em seu livro ‘Futebol ao sol e à sombra’, o escritor uruguaio Eduardo Galeano disse que o “ jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música”. Este jogador número doze é a torcida.

E não necessariamente a torcida organizada. É preciso entender que a maior parte dos brasileiros é apaixonada pelo futebol e, conseqüentemente, declara torcer por pelo menos algum clube que atue profissionalmente no esporte.

Segundo dados de uma pesquisa elaborada pela Deloitte<sup>9</sup> em 2011, o esporte preferido dos brasileiros é o futebol, com 72% de aceitação. Na segunda posição, aparece o vôlei (46%), seguido pela natação (24%). A pesquisa também indicou que o futebol é o favorito do brasileiro para praticar uma atividade física: 32% preferem o esporte bretão, seguido pela corrida (17%) e musculação (9%).

Em estudo mais recente, divulgado em junho de 2015 pelo Diagnóstico Nacional do Esporte (Diesporte), o futebol já aparece como prática favorita de 76,6% das pessoas que praticam alguma atividade.

São sinais de que sendo uma prática de lazer ou de trabalho, o futebol se tornou um aspecto cultural do Brasil, e sua associação com times e clubes determinam traços da personalidade de milhões de indivíduos. O brasileiro pode até não gostar tanto de futebol, ou mesmo entender do esporte. No entanto, ele provavelmente terá uma equipe para torcer desde pequeno, algo que na maioria das vezes é tradicionalmente imposto pela família. Aquela identificação que acontecia no passado de operários torcerem para times operários e descendentes de italianos torcerem por times de descendentes de italianos já deixou de existir.

Mas o torcedor não só existe como financia o seu time de coração. O futebol se transformou em um mercado rentável, porque tem um público consumidor. Um público apaixonado e que patrocina o esporte. São ingressos de jogo, camisas de time, souvenirs com escudos, edições e mais edições de periódicos com as últimas informações sobre determinada equipe, material audiovisual, etc. Tudo isso vende e muito, no mercado legal e também no paralelo, ainda que os números sobre as preferências do esporte não implicam que todos aqueles amantes do esporte sejam consumidores de produto.

Existe uma linha tênue entre pessoas que gostam/amam futebol e que são torcedoras. Esta é uma definição que fica um pouco mais difícil se ser observada no Brasil, especialmente por causa da língua portuguesa. Mas a língua inglesa é ótima para trazer uma luz sobre essa questão. Para os anglófonos, um *fan* é um indivíduo que ama ou gosta muito de algo, enquanto *supporter* é aquele que dá suporte a algo, que auxilia.

---

<sup>9</sup> Deloitte é uma empresa multinacional de serviços de consultoria, assessoria financeira e auditoria, fundada em Londres, no Reino Unido, em 1945, e que desde 1911 atua no Brasil.

Em contextos futebolísticos, as duas palavras significam torcedor e podem ser traduzidas assim no português. No entanto, é mais fácil para os falantes da língua inglesa identificarem aquela pessoa que simplesmente gosta do esporte, que o aprecia, para aqueles que de fato dão suporte ao time, vão aos estádios, consomem produtos, participam através de programas de sócio torcedores e outros projetos dos clubes.

O número de torcedores que dão suporte aos times no Brasil é bem menor do que o de brasileiros que admitem torcer por algum clube. E em um número ainda menor estão os torcedores associados a grupos de torcidas organizadas.

Membros de torcidas organizadas dedicam-se ao máximo às funções dentro do grupo. Para quem olha de fora, o comportamento destas pessoas parece ser dedicado ao clube de coração, mas também deve ser observada uma dedicação particular à torcida organizada e o que ela representa. O futebol deixa de ser lazer, prática esportiva, diversão. O futebol se torna uma profissão, mas não da mesma forma como atuam atletas profissionais no esporte.

Como Toledo diz:

O futebol, sobretudo para estes torcedores organizados, não consiste tão-somente num momento de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um estilo de vida próprio. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de cada Torcida Organizada, estes indivíduos referenda condutas específicas diante dos outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano. Inúmeros torcedores constroem verdadeiras carreiras dentro de uma Torcida Organizada, chegando a adaptar outras atividades, tais como o trabalho, relacionamentos pessoais e familiares em função da Torcida. Dessa forma, pode-se afirmar que a experiência de muitos daqueles que integram e vivenciam uma Torcida Organizada com o futebol não se restringe tão-somente à lógica do binômio tempo de trabalho-tempo livre. (TOLEDO, 1996 p.114)

Desde a década de 80, as torcidas organizadas tornaram-se instituições burocráticas. Os cargos bem definidos dentro desses grupos é que permite a adoção de um plano de carreira. E que também está muito relacionado ao poder que as organizadas pretendem exercer nas esferas políticas, cultural e econômica.

No âmbito político é fácil entender. Torcidas organizadas constroem teias de influências dentro de todo o cenário esportivo, desde campeonatos, passando pelas federações, chegando às entidades que de fato comandam o futebol. Muitos escritos consideram as torcidas organizadas como uma massa de manobra utilizadas para

promover dirigentes dentro da esfera do esporte, mas também política. Alguns dos exemplos mais emblemáticos puderam ser vistos nos últimos 15 anos no Clube de Regatas Vasco da Gama. Neste período, Eurico Miranda e Roberto Dinamite se revezaram no cargo de presidente do clube, e ao mesmo tempo exerciam papéis na política brasileira.

Enquanto Eurico Miranda foi deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro entre 1994 e 2001, quando teve seu mandato cassado, Roberto Dinamite, já reconhecido como ídolo do clube pela sua atuação dentro de campo, foi vereador do Rio de Janeiro em 1992, onde ficou até 1994, quando conseguiu seu primeiro mandato como deputado estadual. Conseguiu se reeleger outras quatro vezes seguidas na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Embora tenham sido desafetos dentro das dependências do Vasco, ambos se utilizaram da imagem do clube para construir suas imagens políticas e conseguirem votos de torcedores. E, invariavelmente, tinham o apoio de torcidas organizadas por trás, tanto na construção das carreiras políticas quanto na rixa dentro do clube, uma disputa pelo poder. E é nesse sentido que muitos cronistas esportivos defendem a torcida organizada como massa de manobra.

A disputa pelo poder também permite que as organizadas possam experimentá-lo. E muitas vezes ele é utilizado como um contraponto em relação às políticas vigentes dentro dos clubes esportivos. Não é tão comum ver movimentos organizados impedirem presidentes, mas quem fica em partes mais baixas da pirâmide geralmente são afetados, como técnico e jogadores. Torcidas demitem treinadores, isso parece nas manchetes do jornalismo esportivo brasileiro frequentemente. Ainda assim, existem também casos que tentam romper com o sistema corrupto que impera em diversos clubes e federações, como destaca Santos (2004, p. 85), ao defender a “tentativa das torcidas organizadas se oporem à desonestidade de alguns cartolas, como por exemplo, a Gaviões da Fiel, que assumiu um papel de pressão política diante do clube”.

Santos ainda reforça:

Também Cláudio Faria Romero, o Vila, (fundador da Camisa 12 e ex-membro da Gaviões da Fiel) reitera o caráter fiscalizador dessas organizadas. Segundo Cláudio, elas seriam oriundas da necessidade, presente em alguns torcedores, de ocuparem um espaço, de certa forma político, em relação aos seus clubes de preferência. (SANTOS, 2004 p.86)

Essa relação entre torcidas organizadas e política ainda revela outra face: a da representatividade. Normalmente, torcidas de futebol, por maior que sejam em número

de participantes, apresentam uma unidade. Dentro do estádio, por exemplo, vemos que as reações dos torcedores, sejam de organizadas ou não, se assemelham na maior parte do tempo. Quando não, invariavelmente é sobre alguma questão crítica e opinativa à forma como uma equipe está sendo conduzida. No entanto, ainda pode ver as unidades: o grupo dos que apoiam, e o grupo dos que não apoiam, e assim as individualidades vão se encaixando dentro de grandes grupos.

Isso também auxilia na relevância das torcidas organizadas, que muitas vezes tomam partido e funcionam como porta-vozes de um contentamento ou descontentamento da massa de torcedores sobre algum aspecto clubista. E este aspecto também é percebido e valorizado por quem está do outro no futebol.

No dia 15 de dezembro de 2015, diversas lideranças do Movimento Bom Senso F.C.<sup>10</sup> estiveram presentes em frente à sede da CBF para a leitura de um manifesto contra a corrupção no futebol brasileiro e por sua democratização. O ex-jogador Raí destacou os nomes de diversas personalidades de esportes, empresários, comunicadores, sociólogos: de outros ex-jogadores como Zico aos apresentadores Fausto Silva e Luciano Huck, passando pelo jornalista Juca Kfoury, o publicitário Washington Olivetto e o ator Wagner Moura.

Mas quem também esteve ali naquela tarde ensolarada de terça-feira foram diversos torcedores, membros de organizadas ou não, que apoiavam o protesto - bastante elitizado - do Bom Senso. E como porta-voz dos torcedores, estava o diretor da Associação Nacional das Torcidas Organizadas (Anatorg), Luiz Claudio do Carmo, o Claudinho, que também foi presidente da organizada Força Jovem Vasco, entre os anos de 2008 e 2010.

Segundo o próprio Claudinho, os líderes do Bom Senso F.C. entraram em contato com a Anatorg dias antes do protesto, convidando-os a participarem. Ele confirmou que não houve, até aquele momento, uma conversa mais aprofundada sobre as reivindicações da Anatorg com o Bom Senso, mas que a simples abertura daquele espaço para os torcedores já era digno da participação e apoio ao Ocupa a CBF. Pessoas influentes e que clamavam pela democratização do futebol estavam, de fato, dando voz ao que os torcedores queriam para o esporte no país.

---

<sup>10</sup> Movimento criado em 2013 por jogadores e ex-jogadores brasileiros que reivindica mudanças no sistema político do futebol brasileiro e, consequentemente, em aspectos profissionais e sociais do esporte, como revisão do calendário esportivo, fair play financeiro e preço dos ingressos para jogos de clubes nacionais e da Seleção Brasileira.

Claudininho declara que:

O papel do torcedor nesse movimento é fazer com que essa modernização não se perpetue, pois o futebol é um folclore no nosso país, atinge várias classes sociais, e estão querendo fazer como o futebol europeu aqui no Brasil. Nós acreditamos que isso não deve acontecer. Então estamos tentando caminhar juntos, com esse novo modo de pensar, com Raí, Djalminha, Paulo Autuori... então a gente tem que tentar fazer essa mudança na CBF, acho que é o melhor caminho [...] No futebol, política e cultura sempre andaram juntos, mas hoje em dia a política está mais forte. Nossa cultura foi deixada para trás, e isso a gente não pode permitir. Tendo em vista os estádios modernos, não que eu seja totalmente contra, mas também não podemos deixar nossas raízes para trás. Temos que fazer barulho sim, temos que buscar mudanças e o que é melhor para o torcedor e para as organizadas em geral.<sup>11</sup>

As torcidas organizadas agora estão justamente mais organizadas. Se elas já tinham uma conexão direta com dirigentes esportivos em altas esferas do comando no futebol, agora possuem uma teia de relações entre elas mesmas, inclusive entre torcidas de clubes rivais e que, em um passado não tão distante, digladiavam-se em jogos de futebol e encontros marcados fora de estádios.

O que nos faz retornar à nossa pequena matemática sobre o número de torcedores de futebol no Brasil. Se o número de membros de torcida organizadas é bem menor que o de torcedores comuns, o de “vândalos” dentro das organizadas é ainda menor. Em pesquisa realizada na UERJ e no mestrado da Universidade Salgado de Oliveira (Universo) de 2009/2010, Murad comprova isso:

A violência entre torcedores no Brasil é praticada por uma minoria de vândalos que oscila entre 5% e 7% das torcidas organizadas. [...] As chamadas torcidas organizadas já são minoria, dentro do universo geral de milhões de torcedores. Sendo assim, não se pode generalizar, muito menos criminalizar, as torcidas como um todo. Mesmo quando falamos de torcidas organizadas. Mas também não podemos banalizar a violência entre torcedores. (MURAD, 2012 p.30)

Mas então, se esses torcedores que praticam atos violentos são minorias, se estão em grupos muito menores dentro do grupo das organizadas, que já é menor do que o de torcedores comuns, por que ainda é tão comum os episódios de violência entre torcedores?

### 3. ESPORTE NO JORNALISMO

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida a Goal Brasil e publicada no dia 16 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.goal.com/br/news/3599/futebol-nacional/2015/12/16/18416612/papel-do-torcedor-no-ocupacbf-%C3%A9-resgatar-as-ra%C3%ADzes-do>. Acesso em 1º de fevereiro de 2016.

O surgimento do futebol e seu crescimento como paixão nacional foi sendo acompanhado pela cobertura jornalística. De acordo com Capraro (2005 p. 1), o esporte foi tema de alguns autores da literatura brasileira, “como Lima Barreto, Coelho Netto, “João do Rio”, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato e Gilberto Amado, principais referências até a década de 1920”. A forma incipiente só foi evoluir de verdade na década de 40, com Mário Filho. Futebol e jornalismo esportivo crescendo juntos em simbiose.

A participação incisiva de Mario Rodrigues Filho na organização da crônica esportiva e no próprio amparo ao esporte, acabou reforçando uma tese que até a atualidade tem forte entrada, tanto no meio jornalístico quanto no literário e até no acadêmico – inclusive, servindo como tópico de acirrado debate intelectual. Desta forma, pensando-se conceitualmente, tanto a crônica social sobre o futebol quanto à crônica esportiva especializada, apresentam um ponto em comum com o futebol praticado no Brasil: são elementos que ao longo do século XX, se enraizaram na cultura brasileira. Ambos iniciaram como modismos, coadjuvantes nos respectivos campos, o literário e o esportivo, ganhando a adesão populacional na primeira metade do século XX, tornando-se fenômenos de massa. (CAPRARO, 2005 p. 1-2)

Com o desenvolvimento de profissionalização do futebol no Brasil, a cobertura jornalística também se profissionalizou e abriu margem para outras abordagens, além da crônica esportiva, como análises técnicas e táticas. As transmissões das Copas do Mundo, por exemplo, trouxeram um diferencial nas coberturas esportivas. Seja em 1938, com a primeira Copa do Mundo transmitida por rádio, ou em 1970, com o primeiro Mundial na televisão em cores. Apesar da censura militar na década de 60, o jornalismo impresso deu destaque à de seção de esportes, que era muito utilizado politicamente para fortalecer o nacionalismo do povo brasileiro.

Com o advento da televisão, as imagens passam a ter maior destaque. O choro dos torcedores nas arquibancadas do Maracanã na derrota para o Uruguai na Copa do Mundo de 50 é tão marcante quando o resultado em si. As transmissões esportivas começaram a construir histórias e o jornalismo esportivo também, e ignorar a função das torcidas e dos torcedores foi inconcebível, como ainda é até hoje. Jornalistas



formados passaram a se dedicar exclusivamente à área, bem como ex-atletas, ex-árbitros e ex-dirigentes que, juntos, auxiliaram na construção do formato do jornalismo esportivo brasileiro.

### **3.1 Espetacularização do esporte nos meios de comunicação**

Em 1999, o cineasta Marcelo Masgão lançou o documentário *Nós que Aqui Estamos por Vós Esperamos*, uma obra recheada de memórias do século XX. Uma das cenas mais memoráveis é um recorte de imagens do astro do cinema norte-americano, Fred Astaire, ao lado do ídolo do futebol brasileiro, Mané Garrincha. Os jogos de pernas, a dança de um, o bailado de outro. Uma comparação inesperada, mas que, no fim, fez todo o sentido. Todas aquelas imagens eram antigas, usadas justamente como ferramenta de estudo sobre o século que estava para se encerrar quando o diretor paulista o fez, mas também diz muito sobre a importância de uma representação visual de figuras importantes do esporte. Se os cronistas tiveram um papel decisivo para fomentar a paixão do brasileiro pelo futebol, o advento da televisão foi essencial para transformar o esporte em arte também.

Segundo Melo:

Não surpreende então que, em "A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica", Walter Benjamin tenham comparado diretamente o esporte ao cinema, argumentando que de certa maneira construíram um sentido geral de pertencimento, uma proximidade entre artistas e público, uma sensação no público de que ele pode também tomar parte e se posicionar perante o espetáculo. (MELO, 2006 p. 67)

Quando falamos em esporte e suas representações, pode-se abrir a temática para outros caminhos que não o jornalismo. Como bem lembra Melo, o esporte já serviu de tema para vários tipos de artistas. Nas artes plásticas com Rubem Gerschman, Cândido Portinari - que inclusive ilustra a capa da edição especial de 2014 do livro *Negros no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho - e Vicente Rego Monteiro; na literatura por Machado de Assis, Arthur Azevedo, Raul Pompéia, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos; na música como Noel Rosa, Geraldo Pereira, Chico Buarque e Pixiguinha; na dramaturgia com Oduvaldo Vianna; e no cinema com Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade e Oswaldo Caldeira. (MELO, 2006 p. 72). Não é de surpreender que essa fascinação pelo esporte tenha conquistado espaço cativo no jornalismo brasileiro e mais, com representação escrita e audiovisual.

E espetáculo foi, sem dúvidas, um dos principais fatores que fortaleceram as torcidas organizadas no Brasil. Muito embora o gosto pelo futebol e paixão por determinada equipe carimbem a trajetória destes grupos, o que encantou em um primeiro momento foi realmente a exibição das bandeirinhas, o tambor das charangas. E conforme as organizadas iam engrandecendo cada vez mais a suas festas, incrementando seus adereços e suas baterias, suas imagens iam ganhando espaços cada vez mais simbólicos dentro de periódicos impressos ou audiovisuais. Os lances estavam lá, o sorriso dos ídolos também, dos heróis e protagonistas 'oficiais' da festa. Mas passaram, cada vez mais, a dividir espaço com os grandes admiradores. Fotos e mais fotos de torcedores, vídeos e mais vídeos de bandeirões, áudios e mais áudios de cânticos feitos especialmente para equipes. Cada particularidade de uma partida de futebol, cada personagem presente em um estádio, vai se juntando a outro para criar um grande espetáculo. "As imagens que se destacaram de cada aspecto da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida." (DEBORD, 1967 p.13)

Utilizar as imagens da torcida para ilustrar fatos e acontecimentos relacionados ao futebol e não diretamente à própria torcida se tornou uma ferramenta muito utilizada e bem-sucedida no jornalismo brasileiro. E o mais importante, uma ferramenta que impacta no impresso, na televisão e na internet. E aproxima cada vez mais os apaixonados por futebol àqueles que dão suporte ao esporte e/ou a um time.

Como disse Melo:

Mesmo que permaneçam ativos os indivíduos, não me parece possível negar a força das imagens em um mundo que transitou do “ser para o “ter” e rapidamente avança para o “parecer”: “o espetáculo, como tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como o sentido privilegiado da pessoa humana. (MELO, 2006 p. 69-70)

Em uma sociedade que preza pelo espetáculo, começa a ser compreensível a espetacularização das torcidas organizadas, mesmo quando a situação é degradante, como cenas de violência e conflitos entre torcedores. É apenas mais uma temática nadando junto à corrente, onde tudo é explorado e se torna uma mercadoria, como Debord também destaca em seu *A Sociedade do Espetáculo*.

De acordo com o próprio Debord:

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não

se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo. A produção econômica moderna espalha, extensa e intensivamente, sua ditadura. (DEBORD, 1967 p. 30).

A espetacularização dos jogos de futebol ainda foi importante também para a construção da identidade dos grupos. Através da divulgação e propagação de imagens e material relacionados às torcidas organizadas, torcidas despertavam o interesse de pessoas para assistirem aos jogos de futebol. Encantados com o show das torcidas mostrados pela TV e pelos jornais, torcedores buscaram participar da festa. E outros tantos não-torcedores também se transformaram em amantes de um time por causa das imagens que viam das arquibancadas brasileiras. E esse espetáculo também pode funcionar como ferramenta de transfiguração comportamental de um torcedor. Não é incomum histórias de pessoas que se declaravam torcedores de um clube, mas que, no momento em que visitaram uma partida de futebol em uma arena acompanhados pelas torcidas organizadas e tudo aquilo que elas desenhavam nas arquibancadas, acabaram ‘virando a casaca’, jargão comumente utilizado no futebol quando alguém troca um time pelo outro, seja jogador, dirigente, ou como no caso citado acima, um torcedor.

Os efeitos da espetacularização também vão além daqueles que estão mais próximos geograficamente de um clube, o que claramente influencia na torcida. E não apenas pessoas comuns como nomes já consagrados do esporte acabam sendo influenciadas pelo show da torcida que é espetacularizado pela mídia internacionalmente. Um dos maiores ídolos do futebol francês e campeão mundial em com sua equipe nacional em 1998, o ex-jogador Thierry Henry há alguns anos se declarou torcedor do Vasco da Gama. Ídolo de Monaco, Arsenal e Barcelona, clubes em que tem maior identificação, Henry surpreende por colocar o time carioca na sua lista. Foi em 2007 que começaram a surgir as primeiras fotos do francês com a camisa vascaína, quando ainda era uma estrela do Arsenal. Na época, o clube de São Januário – e sua torcida – ganhava destaque nos jornais do Brasil e do resto do mundo por ser a equipe do atacante Romário, que buscava atingir a marca dos 1000 gols em sua carreira. Anos depois, em entrevista ao *Globoesporte.com*, Henry também confidenciou que conheceu o Vasco graças à transmissão do Mundial de Clubes da FIFA de 2000, realizado na cidade do Rio de Janeiro.

Na ocasião, Thierry Henry disse:

Eu estava assistindo à final do Mundial de Clubes (de 2000) entre Vasco da Gama e Corinthians e gostei do fato de as torcidas cantarem

umas contra as outras e a beleza disso. Por isso eu sempre ficava cantando algumas coisas, especialmente quando o Syvinho estava lá (no Arsenal), Gilberto Silva e Denilson. Eu estava sempre fazendo piada com eles porque sabia que o Denilson era do São Paulo, Syvinho do Corinthians, Gilberto Silva do Atlético Mineiro, eu sempre brincava com eles. Mas Romário estava jogando no Vasco, eu sempre gostei do Romário, do Ronaldo, então estava torcendo por ele.<sup>12</sup>

Em tempos de trocas rápidas de conteúdo e comunicação globalizada, é natural que um menino afegão seja fã de Lionel Messi, ou um jovem chinês acompanhe rodada a rodada da Premier League<sup>13</sup>. O encanto de pessoas que vivem em países e situações sociais completamente distintas dos grandes centros de futebol que ficam na Europa. Muito se deve à espetacularização, que atinge de várias formas o esporte, e não apenas o futebol. Atletas tornam-se protagonistas de suas próprias histórias e com papéis ativos nas novelas de outras pessoas, comuns ou desconhecidas. Tornam-se ídolos, tornam-se deuses.

Para Melo:

Para a prática esportiva, a chegada da imagem foi bastante útil para a consolidação de seus elementos: heroísmo, superação, coragem, grandiosidade. A imagem foi fundamental para permitir que os “feitos esportivos” pudessem ser definitivamente registrados, preservados e exibidos em grande escala: lembrar, “to record” (em inglês), o recorde como dimensão central para a continuidade da prática do esporte; é ele que permite lembrar que a necessidade de superação é constante. (MELO, 2006 p. 65)

Através das imagens a espetacularização do esporte – não apenas do futebol – ganhou outro viés. E o advento da televisão acompanhou isso, até que as transmissões de finais esportivas, cerimônias de abertura e encerramento de Jogos Olímpicos ou simples sorteios de torneios se tornassem grandes shows. E a transmissão desses eventos são verdadeiras joias para as emissoras de televisão em todo o mundo. Os comerciais mais caros do mundo, por exemplo, são apresentados no Super Bowl, a grande final do futebol americano. Empresas se preparam durante o ano inteiro, trazendo sempre uma publicidade nova para ser especialmente lançada naquele evento. E em 2016, para a decisão entre Denver Broncos e Carolina Panthers<sup>14</sup>, a emissora estadunidense NBC, detentora dos direitos de televisão, cobrou nada menos que US\$ 5

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida a Fábio Lima e publicada no Globoesporte.com em 6 de janeiro de 2013.

Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2013/01/vasco-por-romario-e-fa-de-neymar-e-juninho-henry-vira-menino-do-rio.html>. Acesso em 16 de fevereiro de 2016.

<sup>13</sup> Barclays Premier League é a primeira divisão da liga profissional de futebol da Inglaterra.

<sup>14</sup> A final do Super Bowl 50 entre Denver Broncos e Carolina Panthers foi realizada no dia 7 de fevereiro de 2016, no Levi's Stadium, em Santa Clara, Califórnia, EUA.

milhões (cerca de R\$ milhões) por 30 segundos dentro do intervalo. E é preciso lembrar que o intervalo do Super Bowl não qualquer parada técnica de uma partida esportiva, mas sim um verdadeiro show do intervalo. Desde 1991, a National Football League (NFL) convida artistas renomados e conhecidos do grande público para apresentações que se tornaram épicas, os primeiros foram os meninos do New Kids on the Block, febre musical dos anos 90.

A cada ano, um artista em evidência é escolhido para se apresentar no show do intervalo do Super Bowl, e há também os que participam da festa em outro momento grandioso da decisão: a execução do hino nacional dos EUA. Seja como for, os artistas que se apresentam no *Halftime Show* também se aproveitam de uma publicidade enorme para suas próprias carreiras. Afinal, a audiência do Super Bowl também é considerada uma das maiores do mundo. De acordo com a Nielsen<sup>15</sup>, nada menos que 111,9 milhões de espectadores assistiram à última final só nos EUA. Os números, no entanto, ficam abaixo das duas edições anteriores que marcaram 114,4 milhões (Super Bowl 49) e 112,1 milhões (Super Bowl 48)<sup>16</sup>. Com a transformação da final em um grande evento, os organizadores da NFL também acabam valorizando o próprio esporte, visto o preço das publicidades. A mesma lógica comercial pode ser vista em outros exemplos, como as cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos, o All Star Game da NBA, a abertura e final da Copa do Mundo. Todos apostando em shows e apresentações musicais – em alguns casos também folclóricas – com direito a direção de renomados produtores musicais e/ou cineastas. Uma forma de exaltar o esporte e ainda valorizar os esportistas, transformando-os em deuses do Olimpo.

#### Segundo Melo:

Mesmo que permaneçam ativos os indivíduos, não me parece possível negar a força das imagens em um mundo que transitou do “ser” para o “ter” e rapidamente avança para o “parecer”: o espetáculo, como tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como o sentido privilegiado da pessoa humana. [...] O principal é que possamos compreender que cinema e esporte constituem-se em poderosas representações de valores e desejos que permeiam o imaginário do século XX: a superação de limites, o extremo de

---

<sup>15</sup> Nielsen Company é uma empresa que oferece informações sobre o mercado e dados relacionados ao público. O quartel general fica em Nova York, EUA, e no Brasil, atua ao lado do IBOPE, com sede na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> Dados da Nielsen divulgados no dia 8 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://www.nielsen.com/us/en/insights/news/2016/super-bowl-50-draws-111-9-million-tv-viewers-and-16-9-million-tweets.html>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

determinadas situações (comuns em um século onde a tensão e a violência foram constantes), a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de um certo conceito de beleza, tudo isso esteve constantemente presente nos filmes e nas competições organizadas no decorrer do século que passou, e por certo continuará presente neste que começa. (MELO, 2006 p. 69-70)

A ideia da espetacularização do esporte também levanta suposições sobre o papel das torcidas organizadas dentro do jornalismo esportivo brasileiro. Com centenas de milhares de jogos e partidas de futebol sendo destacadas nos jornais também pela participação dos torcedores, faz-se necessário tentar compreender as razões pelas quais os jornalistas se utilizam dessa ferramenta para ilustrar o conteúdo futebolísticos. Questionados sobre a espetacularização do esporte em si através de finais e aberturas faraônicas para com a espetacularização da torcida como ferramenta ilustrativa de matérias mais banais, editores de jornalismo esportivo atentam para as semelhanças, mas também destacam importantes diferenças.

Para Rodrigo Alves, editor do Globoesporte.com:

Em termos de tamanho, estrutura, produção e arte, não se comparam. Uma abertura de Copa ou Jogos Olímpicos, ou um show de intervalo da NBA ou de um Super Bowl, tudo isso é obviamente outro nível de entretenimento, por mais que uma torcida produza cantos, luzes, mosaicos e etc., mas em termos de emoção, sem dúvida cabe a comparação. Para um torcedor vendo o jogo do seu time em um estádio lotado, a festa produzida pela torcida tem um impacto tão grande ou até maior do que a emoção de ver uma abertura de Olimpíadas, por exemplo.<sup>17</sup>

E é justamente no fator emoção que mora a maior diferença entre a espetacularização desses dois tipos de cobertura jornalística. Enquanto os shows de abertura, intervalo e encerramento de eventos esportivos são milimetricamente estudados pelas entidades que promovem cada um dos esportes, explorando uma abordagem totalmente profissional feita por diretores, produtores e artistas consagrados, o show da torcida é organizado por torcedores que, mesmo membros de organizadas, são pessoas comuns e, na grande maioria das vezes, não têm vínculo nenhum com as artes plásticas. O que move a criatividade e intenção dessas pessoas na hora de realizar algo especial nas arquibancadas é a paixão pelo clube de coração. É essa carga emocional que motiva pessoas a entrarem em torcidas organizadas e participarem do

---

<sup>17</sup> Ver entrevista completa no apêndice.

arranjo da festa nos estádios. É essa carga emocional que na verdade acaba virando um espetáculo nas transmissões e coberturas esportivas do jornalismo esportivo brasileiro.

Felipe Torres, editor do Goal Brasil, defende:

Lá nos EUA é show, um espetáculo midiático, enlatado, um produto. As pessoas ali querem aparecer, mais do que torcer. Aqui no Brasil ainda preservamos o amor ao clube, nos sentimos parte dele. O time vai ganhar se a gente cantar, empurrar. Tem muito mais coração envolvido. E espero que continue assim. Pena que alguns insistem em extrapolar isso, partir para a ignorância. Tem coisa mais legal que ir num estádio dividido, e ver aquela boa “guerra” de bandeiras, de cânticos e vibração?<sup>18</sup>

### **3.2 Valor-notícia e critérios de noticiabilidade**

Todo grande jornal com grande distribuição no território brasileiro tem a sua seção de esportes, e não são poucas as vezes em que notícias esportivas ganham espaço relevante na primeira metade da capa de um periódico. O mesmo pode-se dizer dentro da TV e do rádio, em que as principais emissoras de canais abertos dedicam pelo menos um programa totalmente dedicado a esportes em sua grade diária. Além, é claro, do surgimento de canais dedicados completa e exclusivamente aos esportes dentro de pacotes de TV por assinatura. Canais esses que pertencem a grandes grupos midiáticos que atuam na indústria do entretenimento brasileiro, cada vez com mais investimentos a este tipo de material.

Existe no jornalismo toda uma questão acerca do valor-notícia e dos critérios de noticiabilidade que, como destaca firmemente Moreira (2006), são dois conceitos distintos, uma vez que valor-notícia se refere ao julgamento do fato, enquanto o critério de noticiabilidade indica a necessidade de um veículo para a produção de uma notícia. Para a autora, o importante é entender que a notícia na verdade é a representação de um fato e não o fato em si, e essa representação está imersa dentro das características políticas, sociais e editoriais do jornalista e/ou do jornal que a produz.

A realidade é interpretada como um conjunto de fatos. Assim, concluímos que as notícias nada mais são do que fatos elaborados, redigidos e comunicados. [...] Daí a afirmação “converter um fato em notícia é basicamente uma operação linguística” (GOMIS, 1991, p.41). Todavia, pensando no aspecto da seleção, que é uma parte importante do processo de transformação de um fato em notícia, cremos que ela não é uma operação apenas linguística. Existem

---

<sup>18</sup> Ver entrevista completa no apêndice.

aspectos sociais, culturais, administrativos e até mesmo econômicos envolvidos. (MOREIRA, 2006 p. 23-24)

Muitos autores também ressaltam a importância do *gatekeeping*<sup>19</sup> para a editoria de qualquer seção de um jornal, impresso ou audiovisual. Naturalmente, o mesmo ocorre no jornalismo esportivo quando se trata da abordagem das torcidas organizadas. Ainda que possa haver diferenças quanto às motivações para o consumo de material jornalístico relacionado ao futebol – e essa motivação tem muito a ver com a paixão que o esporte desperta nas pessoas – a construção do jornalismo é o mesmo. Moreira indica que um fato precisa despertar interesse ou se interessante por si só para então ser transformado em notícia.

Concebemos a notícia como uma construção social (Paradigma Construcionista), isto é, como resultado de um processo negociado entre diversos agentes. Nesse processo, o jornalismo tem uma autonomia relativa em relação a outros campos, como a política e a economia. Isso significa que, na seleção das notícias, ora os jornalistas agem sob a influência de uma cultura e identidade próprias – que dizem o que é e também o que não é notícia – ora agem segundo interesses externos ao campo e arbitrariedades do poder. Nesse processo, há várias etapas de decisão (*gatekeeping*) que, muitas vezes, obedecem a padrões viciados, devido a uma pressão fundamental: o tempo (*deadline*). É nesse ambiente que atuam os valores-notícia. (MOREIRA, 2006 p. 14)

O que será observado no material jornalístico sobre torcidas organizadas é uma dualidade na maneira como esses grupos serão apresentados. De um lado, estarão as notícias e matérias negativas, com uma abordagem dos casos de violência entre torcedores e análises, crônicas e artigos de opinião que condenam os grupos e pedem para que acabem. No outro lado, está a abordagem positiva, utilizando elementos das torcidas para a enriquecer matérias, ou mesmo valorizando algumas de suas posturas políticas ou de exaltação a momentos históricos e/ou ídolos de um clube. Para Ianson decisões sobre como, quando e se os fatos relacionados às torcidas organizadas serão apresentados na mídia devem ser tomadas através de “proximidade, atualidade, ineditismo, conflito, humor, interesse pessoal, utilidade pública, relevância e importância”. (IANSON, 2010 p. 23)

Ianson também destaca:

A utilização desses critérios deveria ser feita por todos que fazem parte do processo de elaboração do jornal, principalmente os editores,

---

<sup>19</sup> *Gatekeeping* é um conceito da teoria jornalística apresentado pela primeira vez pelo germano-americano Kurt Lewin e que se refere à edição. De acordo com o valor-notícia, a linha editorial do jornal e o seu público alvo é que será definido se um fato será noticiado ou não.



que decidem diretamente quais acontecimentos irão se transformar em pauta. A finalidade de aplicação desses critérios é tentar trazer os assuntos de mais interesse da sociedade para os jornais e telejornais e depois ordená-los de modo que facilitem o acesso aos leitores e telespectadores. É importante deixar bem explicado que esses critérios funcionariam como um suporte para que os jornalistas tivessem menos dúvidas ao fazer parte das políticas de pauta dos veículos de comunicação. Esses critérios serviriam apenas de apoio e suporte, já que outros fatores que estão ao redor de um episódio também podem ser relevantes para a decisão de inserir acontecimentos nos jornais. (IANSON, 2010 p. 22)

#### **4. DOIS LADOS DA TORCIDA NO JORNALISMO**

Atualmente, as torcidas organizadas não têm uma relação muito amigável junto aos meios de comunicação. Como afirma Souza (2014, p. 149), é uma ligação muito semelhante às que organizadas mantém como as polícias civil e militar. E um dos argumentos mais utilizados pelos diretores dos grupos está justamente na questão da espetacularização associada aos critérios de noticiabilidade: a torcida é utilizada para enriquecer o material jornalístico, vender pacotes exclusivos de transmissão, vender o futebol brasileiro como produto cultural. Mas quando todo esse lado positivo das torcidas vira notícia, as organizadas raramente recebem créditos por isso. Já quando o lado negativo ganha destaque, geralmente em casos de violência e conflitos entre torcedores, a menção aos nomes das organizadas é inevitável.

As principais queixas são que: a mídia atribui atos isolados de violência às TO's indevidamente, não divulgam suas ações positivas e, devido à política de transmissão de jogos, influencia torcedores a se identificarem com times de outros estados e não com os locais e regionais. Além disso, reclamam que a mídia usa imagens do espetáculo que promovem nas arquibancadas para atrair torcedores aos estádios e estimulá-los a comprar jogos pela TV, mas não divulga o difícil trabalho realizado pela diretoria em sua organização. (SOUZA, 2014 p. 149)

O autor também defende que essa postura do jornalismo esportivo brasileiro também pôde ser observada com os *holligans* na Inglaterra. Com a mídia passando a noticiar mais fatos violentos do que questões sobre o esporte em si, devido a interesses comerciais, e sem oferecer um contraponto acerca das situações, muitos jovens passaram a se interessar mais pelas torcidas e se associarem a elas.

Além disso, existe também situações em que pessoas envolvidas em casos violentos não estão oficialmente associadas a alguma torcida organizadas, mas faz uso de roupas e acessórios com os seus símbolos, uma vez que os grupos investem neste

tipo de material para divulgação de sua própria marca, que é diferente da marca original do clube, e também adota o comércio destes produtos como uma fonte de renda para fortalecer o caixa da torcida, a fim de investir em mais bandeiras, instrumentos musicais, veículos e viagens para outras cidades, países ou estados para acompanharem os times durante uma temporada – lembrando que as torcidas organizadas também trabalham com postos fixos de torcedores em outras localidades que não sejam a da cidade/bairro original do clube e/ou da organizada, pessoas que de fato vivem em outras áreas e optam por fortalecer esses postos. Mas muitas vezes, mesmo quando os envolvidos não são participantes ativos das TO's, de fato, são os grupos que recebem a responsabilidade pelos problemas provocados por essas pessoas.

#### **4.1 Lado A**

Era 2007 quando a torcida Flamengo voltava a se destacar nas primeiras páginas dos jornais. Inspirados por um cântico do Internacional, time cujas torcidas são aliadas às do clube carioca, a Torcida Jovem Fla fez uma versão da 'Marcha da Vitória' para exaltar seu time de coração. “Tu és time de tradição, raça, amor e paixão. Oh, meu Mengo”<sup>20</sup>. Assim surgiu uma das canções de torcida mais conhecidas da última década. Na época, o time do Fla brigava pelas primeiras posições na tabela do Brasileirão e ganhava um destaque imenso nos programas esportivos de rádio e TV e nas seções dos jornais impressos. O seu 12<sup>a</sup> jogador, a quem o próprio clube se orgulha de entrar em campo junto, não poderia estar ausente. A música virou o destaque da festa dos torcedores e tornou-se quase um hino oficial do time naquele momento.

Não demorou muito para que a canção despertasse a atenção da TV Globo, principal emissora de televisão aberta do país. Carioca como o Flamengo, a Globo entrou no clima da 'Marcha da Vitória' e, para contar a vitória do time sobre o São Paulo na edição do 'Globo Esporte' do dia 5 de outubro de 2007, preferiu dar destaque ao cântico e seus torcedores. Destaca-se o sobe som na hora da música cantada a plenos pulmões pelos flamenguistas presentes no Maracanã, naquela noite de quinta-feira primaveril. E o áudio não é o bastante, coloca-se também a legenda da música, para o

---

<sup>20</sup> Letra completa no Anexo.

telespectador acompanhar a letra enquanto assiste ao VT de quase três minutos<sup>21</sup>. E em todo esse tempo, os próprios jogadores são coadjuvantes. Se não fossem meia dúzia de frases em pouco mais de 10 segundos, poderiam até ser considerados figurantes. Na matéria do jornalista Fernando Saraiva, o primeiro jogador só vai aparecer aos 1m37s. Era Fábio Luciano, zagueiro do time carioca. Qualquer um pode depreender que o objetivo ali era conseguir uma maior aproximação com o torcedor, mas há quem discorde.

Segundo Holanda:

A tentativa de incorporá-los ao discurso pedagógico e moralizante dos esportes, veiculado pela mídia televisiva, resulta em uma espécie de acordo tácito e de monitoramento que leva a TV ao incentivo e à sugestão de um novo repertório musical nos estádios – bastaria citar aqui a melodia da “Marcha da Vitória” que a torcida do Flamengo adaptou inspirada em um jingle da Fórmula 1, evento automobilístico internacional patrocinado pela mesma emissora de televisão. A contrapartida à campanha pelo fim dos palavrões nos estádios e à predominância das canções de incentivo é o apoio dado a essas torcidas, que vêm recebendo um maior destaque imagético e sonoro durante tais transmissões, em uma aproximação que até então improvável. (HOLANDA, 2009 p.5)<sup>22</sup>

Os apontamentos de Holanda refletem um outro viés dos critérios de noticiabilidade, mas sejam eles quais foram, editores-chefes de sites esportivos reconhecem a valorização e maior visibilidade que este tipo de abordagem confere às próprias torcidas organizadas. Uma espécie de publicidade grátis, em TV aberta. Mas será que toda essa exposição não fortalece o vínculo entre torcedores – em especial as torcidas organizadas – e os próprios jornalistas? O jornalismo esportivo não estaria promovendo deliberadamente o trabalho desses grupos somente por usar suas imagens e exaltar seus cantos?

Para Alves, editor do Globoesporte.com:

As organizadas geralmente são responsáveis por essa logística da festa, pelos materiais, pelos símbolos, mas não acredito que uma foto de festa na arquibancada passe para o leitor uma relação direta com as organizadas. Ali está representada a torcida geral do time. Não acho que o torcedor vê uma bela imagem de torcida na TV e pensa: "Que belo trabalho da Organizada X". A intenção é sempre ilustrar a

---

<sup>21</sup> Conferir transcrição no Anexo. Ver também a cópia da matéria disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XauX8qqHLLM>. Acesso em 20 de fevereiro de 2016.

<sup>22</sup> Texto de HOLANDA retirado do arquivo de Razón y Palabra – Primeira Revista em Latinoamérica Especializada em Comunicación. Disponível em: [http://www.razonypalabra.org.mx/N/n69/Copy%20\[3\]%20of%20index.html](http://www.razonypalabra.org.mx/N/n69/Copy%20[3]%20of%20index.html) Acesso em 20 de fevereiro de 2016.

torcida, e não se apropriar de um símbolo que teve participação direta das organizadas. A torcida no estádio é parte importante do evento e não pode ser escondida ou negligenciada de uma matéria só porque a logística envolve organizadas às vezes envolvidas em eventos negativos. [...] É claro que, quanto mais o clube estiver na TV aberta, mais visibilidade ele vai ter, e consequentemente a sua torcida também. Não necessariamente as organizadas, que não são citadas em transmissões, mas quanto mais o clube tem exposição, a torcida pega carona nisso. Por outro lado, essa é uma relação de mão dupla. Um jogo de um clube de grande torcida dá audiência para a TV, e toda TV vive de audiência. Um jogo do Flamengo obviamente vai dar mais audiência que um do Botafogo. Mas até pelos acordos de direitos de transmissão, há um mínimo de equilíbrio na escolha das partidas.<sup>23</sup>

O Flamengo é um ótimo exemplo de como a espetacularização da torcida favoreceu os grupos de torcedores pertencentes ao clube e o próprio clube em si. Com a divulgação de material sobre o clube carioca e, principalmente, o maior número de transmissões do time justamente nas décadas em que as principais torcidas organizadas dos times brasileiros estavam sendo criadas e fortalecendo o seu espaço político dentro dos clubes. Coincidência ou não, o crescimento no número de torcedores do rubro-negro carioca foi alto, mesmo fora dos limites territoriais do estado do Rio de Janeiro. E com seus milhões de torcedores espalhados pelos quatro cantos do país, o interesse pelo Flamengo é maior. Assim, eles também ganham maior espaço no jornalismo esportivo, que segue preocupado com audiência. Com maior espaço, mais visibilidade e mais pessoas alcançadas pelo Flamengo. É como um círculo sem fim.

Felipe Torres explica:

É a lei da audiência, dos cliques, da leitura, dos pontos na TV. Entre falar do Flamengo ou do Bangu, não resta dúvida que o Rubro-Negro vai fortalecer o produto. Quando você fala para o torcedor do Fla, você fala para milhares de pessoas, para uma organização forte, reconhecida. Não tenho dúvidas que o espaço para equipes com torcidas fortes é infinitamente maior. A torcida do Flamengo se disseminou, porque, por muito tempo, principalmente nos anos 70 e 80, a TV aberta só passava jogos do Rubro-Negro. O Nordeste é flamenguista. O pessoal de lá ligava a televisão, pegava ou rádio e consumia o Fla. Hoje, acontece algo semelhante com o Corinthians. O poder midiático é grande sobre o futebol e, consequentemente, o torcedor. Quanto mais exposição, mais “propaganda”, mais se discute, mais comenta, mais se difunde a imagem do clube.<sup>24</sup>

Mas as matérias elogiosas a torcidas organizadas não se restringem ao Flamengo, que segundos dados do IBOPE divulgados agosto de 2014, representa 16%

---

<sup>23</sup> Ver entrevista completa no Apêndice.

<sup>24</sup> Ver entrevista completa no Apêndice.

dos torcedores brasileiros, no topo da lista, à frente do Corinthians.<sup>25</sup> Diferentes grandes clubes nacionais também ganham destaque e reconhecimento através dos trabalhos de suas torcidas organizadas. Outro bom exemplo em relação à espetacularização do esporte com foco nas torcidas aconteceu com o maior rival do Flamengo, o Vasco da Gama.

Um ano antes da ‘Marcha da Vitória’ rubro-negra conquistar as arquibancadas do Maracanã, uma outra música era cantada no outro lado do estádio, pelos maiores rivais. Era 2006, e uma torcida relativamente menor e mais jovem – se comparadas às principais do clube de São Januário – lançava uma de suas primeiras músicas. Em agosto daquele mesmo ano, a Guerreiros do Almirante (GDA) surgia como uma torcida organizada vascaína, mas sua relação com o clube e os demais torcedores se intensificou com um canto que homenageava a histórica semifinal entre River Plate e Vasco, na Libertadores da América. E para lembrar aquele jogo realizado na noite fria de Buenos Aires do dia 22 de julho de 1998, é impossível minimizar a importância do ex-meia do time carioca, Juninho Pernambucano. Com um gol de falta aos 37 minutos do segundo tempo dentro do Estádio Monumental de Nuñez, o Reizinho de São Januário, como era apelidado o jogador, garantiu a classificação inédita para a decisão da principal competição sul-americana. Um resultado ainda mais importante para os torcedores do que a própria final, que seria vencida diante do Barcelona de Guayaquil, do Equador, uma vez que o River Plate, da Argentina, era considerado o time mais difícil do torneio.

A música criada pelos membros da GDA, então conquistou demais torcedores – e torcidas organizadas – uma vez que falava de um momento simbólico para todos os vascaínos. E graças à divulgação do canto através de matérias e transmissões de partidas do Vasco, ela chegou a um dos principais interessados: o próprio Juninho Pernambucano. Naqueles tempos, ele ainda atuava pelo Lyon, da França, mas revelou posteriormente ter descoberto a homenagem poucos meses depois da canção ganhar os torcedores vascaínos. Seis anos depois, a TV Globo promoveu o encontro do jogador, que estava de volta ao Vasco, com a torcida que criou a música cantada por todos os vascaínos em partidas do clube cariocas, membros de organizadas ou não.

---

<sup>25</sup> Pesquisa realizada entre os dias 5 de dezembro de 2013 e 14 de fevereiro de 2014, juntos a 7005 brasileiros, e divulgada no dia 28 de agosto de 2014, dentro do site do IBOPE. Disponível em: <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/flamengo-e-corinthians-sao-os-times-brasileiros-com-mais-torcedores-e-simpatizantes/>. Acesso em 28 de fevereiro de 2016.

A estrutura da matéria publicada pelo programa dominical ‘Esporte Espetacular’ no dia 29 de abril de 2012<sup>26</sup>, assemelha-se bastante ao conteúdo sobre a torcida do Flamengo anos antes: torcida em foco, seus símbolos destacados e legenda com a letra da música reforçando o áudio cantado. Algumas diferenças importantes e que precisam ser pontuadas foram o destaque maior ao jogador, no caso Juninho Pernambucano, já que neste caso o canto da torcida fala também sobre ele e não somente sobre a paixão do torcedor pelo clube; toda a matéria acontece nas arquibancadas do Estádio de São Januário, mas não em um momento de jogo oficial, a emissora fez um convite ao jogador Juninho e outro aos membros da GDA, indicando uma relação ainda mais próxima com a torcida organizada, bem com a sua valorização. Neste caso, o objetivo não foi apenas ilustrar um fato esportivo, mas sim construir um conteúdo especial em cima do trabalho realizado por uma organizada.

E não é apenas na televisão ou nas Organizações Globo que ocorrem valorizações das torcidas organizadas no jornalismo esportivo. A ESPN, por exemplo, é um canal de TV que também atua na internet com um site totalmente dedicado aos esportes. Seu discurso em relação às organizadas costuma ser mais crítico, utilizando menos imagens de torcidas como ilustração de matérias e dando maior espaço a jornalistas e profissionais que reduzem a importância e qualidades das torcidas organizadas. Uma postura editorial que pode ser explicada.

Para Felipe Torres:

Este tipo de situação já virou tão recorrente, que acabou criando um discurso comum, de pré-julgamento, que todos na torcida organizada são marginais, bandidos, etc. A tendência, então, é ir por um discurso preconceituoso, antecipado. E, claro, que o nome de tal torcida está ali, mas nem todos fazem parte daquela situação. E as torcidas organizadas são parte importante do espetáculo do futebol. O ideal é sempre apurar, contatar boas fontes para se analisar caso a caso, histórico, raízes e desdobramentos. A informação precisa vir embasada por discursos de ambos os lados.<sup>27</sup>

Por sua vez, Rodrigo Alves defende que:

Esse posicionamento ocorre mais com comentaristas, seja um colunista do site ou alguém que comente na TV. E nesse caso específico, não há influência em relação à linha editorial. Por exemplo, se um comentarista do SporTV acha que as organizadas devem acabar, ele pode falar isso no ar sem problemas. Empresas de comunicação obviamente têm suas relações institucionais que

---

<sup>26</sup> Conferir transcrição no Anexo. Ver também a cópia da matéria disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Fs0sYOE5Jys>. Acesso em 28 de fevereiro de 2016.

<sup>27</sup> Ver entrevista completa no Apêndice.

influenciam na linha editorial, mas isso se dá mais com instituições e dirigentes do que com torcidas. No caso da torcida, sinceramente não vejo como possa haver alguma influência em comentários.<sup>28</sup>

A questão da linha editorial é pertinente, mas também pode ser desobedecida em alguns casos bastante específicos. Foi o que aconteceu em fevereiro deste ano, quando uma das torcidas organizadas mais discriminadas pelo jornalismo esportivo no Brasil, realizou um protesto contra a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a Federação Paulista de Futebol (FPF) e a Rede Globo de Televisão, durante o clássico contra o São Paulo, válido pela 4ª rodada do Campeonato Paulista, realizado no dia 14 de fevereiro de 2016 na Arena Corinthians. Jornalista dos canais ESPN e colunista do UOL, Juca Kfoury acredita que as torcidas organizadas não são uma questão maniqueísta<sup>29</sup>, muito embora os dois canais em que trabalha sejam conhecidamente críticos ao movimento das TO's em diversas oportunidades. Foi na edição do dia 15 de fevereiro de 2016 do programa 'Linha de Passe' da ESPN Brasil<sup>30</sup> que o jornalista defendeu o protesto da Gaviões, ainda criticando a atitude do árbitro Luiz Flávio de Oliveira, que tentou fazer com que os torcedores guardassem as faixas de manifestação.

O episódio também foi assunto do debate na primeira edição do programa Bate-Bola, também da ESPN, exibido no dia 15 de fevereiro de 2016, em que mais uma vez foi defendido direito de protesto das organizadas, cujos argumentos eram também defendidos. Nesse caso, o antigo provérbio “o inimigo do meu inimigo é meu amigo” parece justificar bem este caso em especial. Mesmo adotando uma linha editorial que permite aos jornalistas adotarem uma postura mais críticas às torcidas, os próprios jornalistas e a emissora são ainda mais contrários o papel da CBF, da FPF e da Rede Globo no futebol.

Os exemplos de como as TO's são valorizadas, espetacularizadas ou defendidas não são poucos. Pode-se seguir apresentando notícias factuais ou especiais infinitamente, mas todas irão convergir para um ponto em comum: são fatos e apresentações que não ferem de forma alguma os veículos que produzem esse tipo de conteúdo. Em seu estudo, Souza (2014, p. 150) identifica uma torcida que realiza um trabalho social em um centro de educação infantil, além de promoverem atividades

---

<sup>28</sup> Ver entrevista completa no Apêndice.

<sup>29</sup> Conferir artigo *A revolução virá das arquibancadas* publicado no Blog do Juca Kfoury no Uol, no dia 20 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2016/02/a-revolucao-vira-das-arquibancadas/>. Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

<sup>30</sup> Vídeo disponível em: [http://espn.uol.com.br/video/578070\\_juca-defende-felipe-e-apoia-protestos-da-torcida-do-corinthians-so-na-cabeca-de-um-imbecil-e-proibido](http://espn.uol.com.br/video/578070_juca-defende-felipe-e-apoia-protestos-da-torcida-do-corinthians-so-na-cabeca-de-um-imbecil-e-proibido). Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

culturais e campanhas de doação de sangue. Mas esse lado benigno das organizadas é pouquíssimo explorado pelos diferentes veículos e linhas editoriais presentes no jornalismo brasileiro atualmente, uma vez que não traz pouco apelo ao público-alvo e baixo retorno financeiro às grandes empresas do jornalismo. Algo que pode ser justificado, mais uma vez, pelos critérios de noticiabilidade.

As ações da mídia comercial estão submetidas à acirrada concorrência por audiência – o que pode submeter o “conteúdo” da notícia à “forma” determinada por interesses do grande negócio e da indústria cultural [...] Isso também revela a ambivalência dos meios de comunicação: como técnica, deveria servir de meio para melhorar a vida humana, todavia, como tecnologia, subordinada ao princípio do lucro, eles se limitam a apresentar o sensacional, o supérfluo e o fugaz a um público sedento por esse tipo de programação. (SOUZA, 2014 p. 151)

As maiores interessadas nesse jogo são as próprias torcidas organizadas. Segundo André Azevedo, presidente da Anatorg e da torcida organizada são-paulina Dragões da Real, defende que existe uma troca, mas ainda assim acredita que, para uma TO, a imprensa é “um mal necessário” e clama por uma mudança em todo o sistema para que aja “mais confiança ao invés de só proibir”<sup>31</sup>, uma vez que, atualmente, os grupos de torcedores estão cada mais politizados e buscando um diálogo mais construtivo com jornalistas e dirigentes.

André Azevedo explica:

Os problemas estão fazendo as torcidas se politizarem mais o que talvez seja o único ponto positivo de tudo isso, não existe hoje mais espaço para uma torcida com má conduta que ao menos não tente mostrar o contrário e isso está se tornando mais comum no mundo das Organizadas. Tudo vai além de protestos e projetos sociais. Hoje vários torcedores organizados já estão entrando na política e sendo cada vez mais instruídos para combater essa segregação do sistema de forma igualitária.<sup>32</sup>

## 4.2 O Lado B

Grande parte das abordagens do jornalismo esportivo em relação às torcidas organizadas é sobre casos de violência. Naturalmente, as características sociais do Brasil podem iluminar melhor os motivos pelos quais os conflitos entre torcedores são tão comuns dentro e fora dos estádios de futebol. Como Murad defende: “A violência é um fenômeno social, e suas raízes são sociais, mas também é um fenômeno humano,

---

<sup>31</sup> Ver entrevista completa no Apêndice.

<sup>32</sup> Ver entrevista completa no Apêndice.



suas raízes também são humanas. [...] Esse é um fator importante para se compreender qualquer manifestação de violência, em qualquer área social, até mesmo no futebol” (MURAD, 2012 p. 51). O autor também entende que a mídia tem uma grande responsabilidade nesse problema social, já que para tentar alcançar um maior público, pode se utilizar do sensacionalismo e transmitir uma sensação maior de insegurança<sup>33</sup>.

Para Murad:

Estes, vias de regra sensacionalistas, influenciam a opinião pública ao ressaltar acontecimentos secundários como se fossem principais, o que distorce o entendimento do problema. Os veículos de comunicação de massa ocupam papel-chave na construção e na manutenção de um discurso sobre a violência. Sabemos que a mídia não inventa a realidade; ela noticia o que já existe. Mas *o que* falar daquilo que acontece, *como* noticiar, *me* que *horário* e com qual *destaque* são escolhas a serem feitas, que podem mudar tudo. Afinal, edição é edição. E todos nós sabemos disso. (MURAD, 2012 p. 199)

As abordagens acusatórias de grandes canais midiático, tratando as torcidas organizadas como grupos à margem da sociedade, acabam influenciando a população a se colocar igualmente contra os grupos. Mesmo os torcedores comuns, que possam ter se encantados com a bonita festa de bandeiras, balões e papeis picados levados pelas organizadas para as arquibancadas, que possam ter cantado letras criadas por diretores de TO's e embaladas ao som dos tambores de suas baterias, mesmo esses torcedores comuns se viram contra as torcidas organizadas, o que Murad (2012 p. 200) acredita ser um reflexo da avalanche de material sensacionalista sobre as organizadas na mídia. Por exemplo, em enquete popular feita pelo NE10<sup>34</sup>, portal oficial do Jornal do Commercio na internet, 97% dos leitores que votaram acreditam que as torcidas organizadas devem se banidas do futebol.

É preciso ressaltar que os torcedores que participam de brigas são um pequeno grupo dentro das organizadas. Além disso, já houve uma preocupação dos meios de comunicação em tentar prevenir casos de violência, divulgando encontros marcados em grupos de torcedores rivais pela internet, o que para Rodrigo Alves “não é algo que esteja na pauta jornalística constantemente” uma vez que “o jornalismo aparece para reportar a briga, e não para denunciar o agendamento”<sup>35</sup>. Por sua vez, Felipe Torres

---

<sup>33</sup> Em seu estudo, Murad (2012, p. 200) cita um relatório feito pelo Conselho da Comunidade Europeia em 1988 afirmando que jornais e televisão têm sua parcela de culpa e responsabilidade nos conflitos violentos entre torcidas.

<sup>34</sup> Disponível em: <http://noticias.ne10.uol.com.br/interior/agreste/noticia/2016/02/22/ne10-as-torcidas-organizadas-devem-ser-banidas-do-futebol-598106.php>. Acesso no dia 1ª de março de 2016.

<sup>35</sup> Ver entrevista completa no Apêndice.

defende que deveria haver uma maior colaboração do jornalismo contra essas ações pontuais, para de fato exercer uma postura crítica com responsabilidade e que não somente transfira uma culpa sobre os torcedores.

Torres argumenta que:

O jornalismo tem sim seu papel de prevenção, mas não só denunciando encontros das torcidas - que deveria ser descoberto, investigado e evitado pelas autoridades. O papel do jornalismo é o também de suscitar discussão, despertar a criticidade, noticiar os desdobramentos de antigos casos, para que tais fatos não fiquem “quentes” apenas quando acontecem. Geralmente, uma semana depois de uma briga, por exemplo, o assunto “morre”, sai da agenda, até aparecer outro.<sup>36</sup>

Observando o argumento, as reais intenções da mídia e as linhas editoriais de vários meios são colocados em xeque, uma vez que frequentemente os fatos relacionados a violência entre torcedores são entregues à editoria de cidades e não a de esportes, especialmente quando se fala de portais e jornais cujas coberturas são amplas e atingem diferentes tipos de editorias. Foi o que aconteceu com um fato noticiado no *Portal G1*, cuja editoria esportiva está atrelada ao *Globoesporte.com*. Antes da bola rolar pela 4ª rodada do Campeonato Paulista, no dia 14 de fevereiro de 2016, torcedores de Corinthians e São Paulo se enfrentaram Anel Viário Magalhães Teixeira (SP-083), em Valinhos (SP), causando o bloqueio momentâneo da pista. Por se tratar de um fato ocorrido fora do estádio e do momento da partida, embora esteja relacionado ao futebol, a nota ficou sob responsabilidade da editoria de Cidades. No entanto, a capa do *Globo.com* destacou a matéria e a marcou com a cor verde, que é utilizada apenas para notícias do *Globoesporte.com*<sup>37</sup>, que é também a editoria de esportes do portal. Essa contribuição entre diferentes editorias é muito comum e vai depender justamente de onde ocorre o fato relacionado a torcida organizadas e seus desdobramentos.

Como explica Felipe Torres:

A divisão é natural entre as editorias. Quando há confrontos entre torcidas organizadas, por exemplo, se trata de um episódio num evento esportivo, mas que há alguma transgressão da lei. Então, é normal que as duas editorias compartilhem ou abordem a notícia. Geralmente, nos jornais nos quais trabalhei, havia uma nota pequena relatando o fato no Caderno de Esportes, com uma chamada para a matéria completa e mais aprofundada no Caderno de Cidades (Polícia). No Esportes, a gente citava o fato como parte do jogo e no de Cidades, havia todo o desdobramento do acontecido, como fontes

---

<sup>36</sup> Ver a entrevista completa no Apêndice.

<sup>37</sup> Ver imagem de tela no Anexo

policiais, investigação, personagens, etc. É como se fosse tratar de um “crime” que aconteceu numa arena esportiva.<sup>38</sup>

O conceito também é corroborado por Rodrigo Alves, que ainda mostra que, mesmo com um desdobramento na esfera jurídica, em algumas ocasiões as editorias seguem trabalhando juntas. Foi o que aconteceu no trágico episódio de Oruro na Libertadores de 2013, quando o jovem Kevin Douglas Bertrán Espada foi morto por um sinalizador disparado por torcedores corintianos. Naturalmente, jornalistas do *Globoesporte.com* estavam presentes no Estádio Jesús Bermúdez, na Bolívia, para a cobertura partida entre San José e Corinthians, no dia 20 de fevereiro de 2013, válida pela 1ª rodada da fase de grupos da Copa Libertadores daquele ano. Após o incidente, a equipe seguiu em Oruro trabalhando em conjunto com a editoria de Cidades, uma vez que houve um longo desdobramento judicial.

Alves ainda destacou:

O assunto cabe nas duas editorias, porque tem a ver com times de futebol e, ao mesmo tempo, cai para o lado da cobertura de cidade e o lado criminal. Geralmente, a coisa só fica mais clara em dois cenários: quando é uma briga dentro do estádio (aí fica sempre com o Esporte) ou quando o fato avança para uma investigação na esfera judicial (aí pode ficar mais com Cidade). [...] O ideal, claro, é que Esporte e Cidade trabalhem juntos (no nosso caso, GloboEsporte.com e G1). Como as redações ficam em lugares diferentes, nem sempre há essa sintonia nas coberturas, então o jeito é ir combinando caso a caso.

Outro caso que reflete bem essa divisão nas redações foi o conflito entre torcedores de Atlético-PR e Vasco, na partida realizada no dia 8 de dezembro de 2013, na Arena Joinville, válida pela última rodada do Campeonato Brasileiro. Quatro pessoas ficaram feridas no confronto ocorrido nas arquibancadas, cuja cobertura imediata ficou sob a responsabilidade das seções esportivas<sup>39</sup>. O jogo estava sendo transmitido ao vivo pela Rede Globo na TV aberta e as imagens de violência correram o mundo inteiro. Após o fim da partida, os desdobramentos do ocorrido também ficaram sob responsabilidade do G1, mesmo no caso do pronunciamento do presidente do clube Atlético-PR, Mario Celso Petraglia<sup>40</sup>. Um caso que também atçou os críticos das

---

<sup>38</sup> Ver entrevista completa no Apêndice.

<sup>39</sup> Ver material publicado pela ESPN Brasil no dia 8 de dezembro de 2013. Disponível em: [http://espn.uol.com.br/noticia/375022\\_brigas-entre-torcedores-de-atletico-pr-e-vasco-paralisam-jogo-em-joinville](http://espn.uol.com.br/noticia/375022_brigas-entre-torcedores-de-atletico-pr-e-vasco-paralisam-jogo-em-joinville). Acesso em 1º de março de 2016.

<sup>40</sup> Matéria publicada no dia 9 de dezembro de 2013 no Portal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/12/presidente-do-atletico-pr-sugere-que-torcida-do-vasco-premeditou-briga.html>. Acesso em 1º de março de 2016.

torcidas organizadas, justamente pelo impacto das imagens<sup>41</sup> usadas na cobertura jornalística.

Ainda assim, o caso da Arena Joinville mostrou que os dirigentes das torcidas organizadas estão atentos aos fatos e preocupados em assumirem suas responsabilidades em relação a conflitos entre seus membros. Foi a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (Anatorg), presidida por André Azevedo, que buscou restabelecer as relações entre as organizadas envolvidas, no caso a Fanáticos, torcida do Atlético-PR, e a Força Jovem, torcida Vasco. As conversas demoram, mas o encontro entre os torcedores aconteceu no dia 24 fevereiro de 2015, em São Paulo, considerado um campo neutro.

Em entrevista ao *Jornal Extra*<sup>42</sup>, Azevedo declarou:

Não foi tão difícil organizar esse encontro. Foi algo sinalizado pelas duas torcidas. Qualquer problema que ocorrer novamente, vai trazer mais problemas. Nosso trabalho é tentar conscientizá-las a respeito disso. Como diz o ditado, quando não se aprende no amor, se aprende na dor. Eles estão aprendendo na dor. O que aconteceu não vai se apagar. Não negamos a nossa parcela de culpa, mas há outros culpados que se omitem e jogam todo o peso sobre o lado mais fraco, que é o da torcida organizada.

Responsabilidade é a palavra para onde convergem autores, jornalistas e torcedores ao falarem sobre o fim das organizadas. O sociólogo Maurício Murad (2012) e o educador Luis César de Souza (2014) acreditam na responsabilidade da mídia em relação aos problemas causados pelas TO's. Por sua vez, André Azevedo chama a atenção por admitir a responsabilidade para as próprias organizadas, mas segue acreditando que o banimento das organizadas, algo que é maciçamente reivindicado nos meios de comunicação, não irá solucionar o problema da violência, que está intrinsicamente ligado ao comportamento social do brasileiro.

Azevedo reitera:

Eu sempre falo que o mau torcedor também é um cidadão e se você não o educa ele será ruim em todos os lugares que ele frequentar. Ou seja, você tira ele do estádio, ele estará na rua, na padaria, na praia, no mercado e etc. O problema é que ele continuará sendo um mau cidadão, marginalizado e excluído, e isso não o fará melhor.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Ver imagens em Anexo.

<sup>42</sup> Entrevista publicada pelo Jornal Extra no dia 20 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/vasco/rivais-desde-barbarie-em-joinville-organizadas-de-vasco-atletico-pr-marcam-encontro-em-sao-paulo-15386740.html>. Acesso em 1º de março de 2016.

<sup>43</sup> Ver entrevista completa no Apêndice.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se existe algo que aprendemos desde o primeiro dia de faculdade é que, em qualquer curso de humanas, não existem verdades absolutas sobre nada. Ao iniciar a pesquisa para o trabalho de conclusão, com um tema tão aberto e já exaustivamente explorado, encontrar respostas que referendasse uma opinião já pré-concebida foi um desafio. Não tão grande quando o desafio de, mesmo já trabalhando no jornalismo esportivo há três, ainda assim seguir encontrando informações novas e esclarecedoras para sobre torcidas organizadas. Pois mesmo para quem não acredita em contos de fadas, onde tudo é preto no branco e vilões são vilões e mocinhos são mocinhos, é fácil se envolver em discurso de que grupos de torcidas organizadas são o maior mal que pode haver no futebol brasileiro.

Esqueçam os Teixeiras, esqueçam os Maríns, esqueçam os Blatters... qualquer dirigente responsável por um clube, federação ou entidade, responsável por suas regras e doutrinas, qualquer um deles está em uma posição mais favorável do que de qualquer membro de torcida organizada. Para o jornalismo, é mais fácil culpar os peixes pequenos, demonizá-los, do que enfrentar as próprias organizações em que trabalhavam. Mas tempos mudaram, e essa postura crítica em relação à corrupção no esporte também. Os torcedores organizados não são mais os monstros sozinhos, só que ainda enfrentam um discurso crítico com muito menos oportunidade de defesa, ainda que assumam responsabilidades que, salvo raras exceções, o jornalismo esportivo não admite.

Apresentado o presente estudo, fica claro que não existe maniqueísmo nas torcidas organizadas, muito embora o jornalismo esportivo tente construir imagens de mocinhos e vilões do futebol, utilizando-se desses grupos. Ainda assim, foi possível compreender que, mesmo em casos extremos de violências entre organizadas, é mais do que necessário que as responsabilidades sejam assumidas e não apenas pelos torcedores. A imprensa também tem uma responsabilidade enorme, visto que exalta os grupos de torcedores quando lhe é conveniente, quando tem interesses mercadológicos por trás, mas não assume isso quando ocorrem fatos violentos. Os clubes e federações também têm sua parcela de responsabilidade e, principalmente, a sociedade em geral tem sua responsabilidade.

As características políticas, sociais e econômicas do Brasil, desde a chegada do futebol por Charles Miller, passando pelo surgimento das torcidas organizadas, até os

dias atuais, justificam a violência dentro das organizadas, uma vez que essa violência, na verdade, é inerente à sociedade brasileira. O país vive esta problemática, que se expande para todo e qualquer aspecto social vivenciado pelo cidadão brasileiro, inclusive o futebol. Se havia segregação racial na sociedade brasileira, havia também no futebol. Se há machismo na sociedade, há também no futebol. Se há homofobia na sociedade, há também no futebol. Com a violência não é diferente. Os conflitos que vemos entre torcedores apenas acompanham uma cultura violenta de revanchismo enraizada na sociedade brasileira.

Com a apresentação de dados históricos, estatísticos, referências e opiniões, é possível depreender que o banimento ou qualquer ação excludente em relação às torcidas organizadas não vai alterar o fato de que a violência está presente na sociedade brasileira. Acabar com os grupos só vai transferir o problema, retirando os possíveis malfeitores de dentro das organizadas e colocando-os em outros espaços, pois a ausência de um modelo adequado de educação e da aplicação de punições judiciais aos que cometem crimes são na verdade os maiores problemas.

Acabar com as torcidas organizadas não é sinônimo de acabar com a violência nos estádios. É preciso entender que esses grupos podem de fato facilitar conflitos entre torcedores rivais, mas que também podem contribuir para melhorias no esporte, que é um fator de mudança social. E ainda é necessário aceitar que o jornalismo esportivo tem um papel fundamental nesse processo de valorização do esporte, mas que também precisa reconhecer seus deveres e responsabilidades ao abordar não apenas as organizadas, mas o futebol como um todo.

## **6. APÊNDICES**

### **APÊNDICE A**

**Entrevista com Rodrigo Alves, coordenador de futebol nacional do Globoesporte.com.**

**1. Em alguns portais na internet e periódicos, é possível ver uma abordagem factual sobre casos de violência pela editoria esportiva, normalmente quando são dentro dos estádios/arenas ou centros de treinamentos, além da abordagem mais informal, como em mesas redondas e etc, que em muitos casos pedem pelo fim dos grupos. No entanto, há outros exemplos de notícias em que os casos foram apresentados pela editoria policial da cidade. Essa divisão é proposital? Como ela é definida?**

Este tema frequentemente cai no que a gente chama de bola dividida. O assunto cabe nas duas editorias, porque tem a ver com times de futebol e, ao mesmo tempo, cai para o lado da cobertura de cidade e o lado criminal. Geralmente, a coisa só fica mais clara em dois cenários: quando é uma briga dentro do estádio (aí fica sempre com o Esporte) ou quando o fato avança para uma investigação na esfera judicial (aí pode ficar mais com Cidade). Mas uma pancadaria entre duas organizadas numa estação de metrô, por exemplo, é assunto para as duas editorias. No nosso caso do GloboEsporte.com, é mais fácil, porque somos um site só de esportes, não temos uma “editoria Cidade”, então nós sempre cobrimos. Um bom exemplo é o caso de Oruro-2013, quando um torcedor do San Lorenzo morreu ao ser atingido por um sinalizador lançado por torcedores do Corinthians em um jogo da Libertadores. Nós tínhamos um repórter na Bolívia e acompanhamos todo o caso. Houve um longo desdobramento judicial ali, e nós continuamos acompanhando, tivemos acesso ao processo. O ideal, claro, é que Esporte e Cidade trabalhem juntos (no nosso caso, GloboEsporte.com e G1). Como as redações ficam em lugares diferentes, nem sempre há essa sintonia nas coberturas, então o jeito é ir combinando caso a caso.

**2. Como a linha editorial pode permitir ou impedir que um jornalista ou cronista esportivo faça comentários ou análises sociológicas sobre as organizadas, como por exemplo fortalecendo o discurso pelo fim destes grupos?**

Esse posicionamento ocorre mais com comentaristas, seja um colunista do site ou alguém que comente na TV. E nesse caso específico, não há influência em relação à

linha editorial. Por exemplo, se um comentarista do SporTV acha que as organizadas devem acabar, ele pode falar isso no ar sem problemas. Empresas de comunicação obviamente têm suas relações institucionais que influenciam na linha editorial, mas isso se dá mais com instituições e dirigentes do que com torcidas. No caso da torcida, sinceramente não vejo como possa haver alguma influência em comentários.

**3. Você acredita que o jornalismo pode ter um papel importante de prevenção de casos de violência ao realizar denúncias sobre encontros de torcidas organizadas rivais marcados previamente?**

Acredito, e acho até que deveria fazer mais isso. Já houve casos de matérias em que o jornalista consegue descobrir a briga agendada e a polícia não sabe de nada. Mas não é algo que esteja na pauta jornalística constantemente. Em geral, o jornalismo aparece para reportar a briga, e não para denunciar o agendamento.

**4. Temos diversos materiais audiovisuais e escritos que se utilizam dos cantos, imagens de bandeiras, papéis picados, e diversos outros símbolos e que, no Brasil, estão muito relacionados às organizadas, pois são quem justamente preparam essa 'festa da torcida' que vemos nos estádios brasileiros. Como e por quê escolher esse tipo de material para ilustração?**

As organizadas geralmente são responsáveis por essa logística da festa, pelos materiais, pelos símbolos, mas não acredito que uma foto de festa na arquibancada passe para o leitor uma relação direta com as organizadas. Ali está representada a torcida geral do time. Não acho que o torcedor vê uma bela imagem de torcida na TV e pensa: "Que belo trabalho da Organizadora X". A intenção é sempre ilustrar a torcida, e não se apropriar de um símbolo que teve participação direta das organizadas. A torcida no estádio é parte importante do evento e não pode ser escondida ou negligenciada de uma matéria só porque a logística envolve organizadas às vezes envolvidas em eventos negativos.

**5. Você acredita que optar pela utilização de um material criado ou associado à torcidas organizadas pode fortalecer esses grupos e suas marcas?**

Indiretamente, sim, mas não acho que seja tão grande esse impacto. O que realmente fortalece as organizadas é a relação com as diretorias dos clubes, muitas vezes promíscua e perigosa. A influência política das organizadas é muito grande nos clubes, por mais que alguns tentem cortar esses laços. O que mais me fascina nesse



assunto é o poder que uma organizada tem de direcionar um canto no estádio a favor ou contra um jogador, e como essa pressão tem influência direta nas decisões do clube. É aí que a imprensa deveria atacar mais, fiscalizar mais, apurar mais, explicar melhor essa relação.

**6. Existe a prioridade a notícias e conteúdo especial sobre times cujas torcidas são maiores segundo dados estatísticos?**

Para a produção de conteúdo, não. Para a exposição desse conteúdo, de alguma forma sim. Explico. No GloboEsporte.com, até pela ajuda de mais de 40 redações afiliadas espalhadas pelo país, todos os principais clubes do país (e aí estou falando no mínimo de Série A e Série B) têm coberturas amplas. Os de Rio e SP, pela estrutura maior das redações, contam com dois setoristas para cada clube. Mas mesmo os outros times, com apenas um setorista, têm uma cobertura bastante abrangente. Na hora de expor esse material na capa do site, por exemplo, aí sim um dos critérios pode ser a popularidade do clube. Por exemplo: se temos uma matéria especial com o Ganso no São Paulo e uma matéria especial com o Neto na Chapecoense, se as duas são matérias da mesma qualidade e do mesmo tamanho, a do São Paulo provavelmente terá uma chamada de destaque maior na capa do site, porque ela interessa a um número muito maior de leitores. Esse critério deixa de existir quando estamos comparando times que são mais ou menos do mesmo tamanho (os quatro grandes de SP, por exemplo). Não temos na mesa o ranking de torcidas para consultar qual time deve ter mais destaque, é uma questão de bom senso. E vale lembrar que cada clube tem a sua página no GE, e na página da Chapecoense a matéria do Neto vai ter o mesmo destaque que a matéria do Ganso tem na página do São Paulo.

**7. Acredita que dar mais espaço a determinados times, em especial mais jogos na TV aberta, pode dar mais visibilidade ao clube e, consequentemente, às suas torcidas?**

É claro que, quanto mais o clube estiver na TV aberta, mais visibilidade ele vai ter, e consequentemente a sua torcida também. Não necessariamente as organizadas, que não são citadas em transmissões, mas quanto mais o clube tem exposição, a torcida pega carona nisso. Por outro lado, essa é uma relação de mão dupla. Um jogo de um clube de grande torcida dá audiência para a TV, e toda TV vive de audiência. Um jogo do

Flamengo obviamente vai dar mais audiência que um do Botafogo. Mas até pelos acordos de direitos de transmissão, há um mínimo de equilíbrio na escolha das partidas.

**8. Levando em consideração a cultura do espetáculo multimídia no esporte, você acredita que a apresentação e valorização do show das torcidas nas arquibancadas pode ser comparado a eventos de grande porte organizados por nomes importantes das artes em geral como aberturas de Jogos Olímpicos, shows de abertura e intervalo em decisões de determinados esportes?**

Em termos de tamanho, estrutura, produção e arte, não. Uma abertura de Copa ou Jogos Olímpicos, ou um show de intervalo da NBA ou de um Super Bowl, tudo isso é obviamente outro nível de entretenimento, por mais que uma torcida produza cantos, luzes, mosaicos e etc., mas em termos de emoção, sem dúvida cabe a comparação. Para um torcedor vendo o jogo do seu time em um estádio lotado, a festa produzida pela torcida tem um impacto tão grande ou até maior do que a emoção de ver uma abertura de Olimpíadas, por exemplo.

## **APÊNDICE B**

### **Entrevista com Felipe Torres, editor-chefe da Goal Brasil.**

**1. Em alguns portais na internet e periódicos, é possível ver uma abordagem factual sobre casos de violência pela editoria esportiva, normalmente quando são dentro dos estádios/arenas ou centros de treinamentos, além da abordagem mais informal, como em mesas redondas e etc, que em muitos casos pedem pelo fim dos grupos. No entanto, há outros exemplos de notícias em que os casos foram apresentados pela editoria policial da cidade. Essa divisão é proposital? Como ela é definida?**

A divisão é natural entre as editorias. Quando há confrontos entre torcidas organizadas, por exemplo, se trata de um episódio num evento esportivo, mas que há alguma transgressão da lei. Então, é normal que as duas editorias compartilhem ou abordem a notícia. Geralmente, nos jornais nos quais trabalhei, havia uma nota pequena relatando o fato no Caderno de Esportes, com uma chamada para a matéria completa e mais aprofundada no Caderno de Cidades (Polícia). No Esportes, a gente citava o fato como parte ali do jogo e o no de Cidades, havia todo o desdobramento do acontecido, como fontes policiais, investigação, personagens, etc. É como se fosse tratar de um “crime” que aconteceu numa arena esportiva.

**2. Como a linha editorial pode permitir ou impedir que um jornalista ou cronista esportivo faça comentários ou análises sociológicas sobre as organizadas, como por exemplo fortalecendo o discurso pelo fim destes grupos?**

Este tipo de situação já virou tão recorrente, que acabou criando um discurso comum, de pré-julgamento, que todos na torcida organizada são marginais, bandidos, etc. A tendência, então, é ir por um discurso preconceituoso, antecipado. E, claro, que o nome de tal torcida está ali, mas nem todos fazem parte daquela situação. E as torcidas organizadas são parte importante do espetáculo do futebol. O ideal é sempre apurar, contatar boas fontes para se analisar caso a caso, histórico, raízes e desdobramentos. A informação precisa vir embasada por discursos de ambos os lados.

**3. Você acredita que o jornalismo pode ter um papel importante de prevenção de casos de violência ao realizar denúncias sobre encontros de torcidas organizadas rivais marcados previamente?**

O jornalismo tem sim seu papel de prevenção, mas não só denunciando encontros das torcidas - que deveriam ser descobertos, investigados e evitados pelas autoridades. O papel do jornalismo é o também de suscitar discussão, despertar a criticidade, noticiar os desdobramentos de antigos casos, para que tais fatos não fiquem “quentes” apenas quando acontecem. Geralmente, uma semana depois de uma briga, por exemplo, o assunto “morre”, sai da agenda, até aparecer outro.

**4. Temos diversos materiais audiovisuais e escritos que se utilizam dos cantos, imagens de bandeiras, papéis picados, e diversos outros símbolos e que, no Brasil, estão muito relacionados às organizadas, pois são quem justamente preparam essa 'festa da torcida' que vemos nos estádios brasileiros. Como e por quê escolher esse tipo de material para ilustração?**

Não há como negar que as organizadas são quem “comandam” e embelezam o espetáculo no estádio. Na Europa, é a mesma coisa. Barcelona, Bayern, Dortmund e Real também têm suas torcidas organizadas, e que protagonizam cenas legais. Não se trata de fortalecer tais grupos, mas de engrandecer determinado jogo. Seria inútil não mostrar o mosaico porque ele foi feito por uma torcida. No fim das contas, o escopo é de todos no estádio é o mesmo: apoiar sua equipe.

**5. Você acredita que optar pela utilização de um material criado ou associado à torcidas organizadas pode fortalecer esses grupos e suas marcas?**

Claro que fortalece. A Gaviões da Fiel é um baita exemplo. Mas não vejo problema nenhum nisso. Se há marginais dentro de uma torcida-organizada, eles devem ser punidos pelos seus atos, individualmente. No Brasil, a gente vê o contrário. Pune a organizada e os bandidos continuam lá. Acaba a punição e vem outra situação crítica. Acredito que quando se punir o cidadão, o jogo começa a virar.

**6. Existe a prioridade a notícias e conteúdo especial sobre times cujas torcidas são maiores segundo dados estatísticos?**

Sim existe. É a lei da audiência, dos cliques, da leitura, dos pontos na TV. Entre falar do Flamengo ou do Bangu, não resta dúvida que o Rubro-Negro vai fortalecer o produto. Quando você fala para o torcedor do Fla, você fala para milhares de pessoas, para uma organização forte, reconhecida. Não tenho dúvidas que o espaço para equipes com torcidas fortes é infinitamente maior.

**7. Acredita que dar mais espaço a determinados times, em especial mais jogos na TV aberta, pode dar mais visibilidade ao clube e, consequentemente, às suas torcidas?**

A torcida do Flamengo se disseminou, porque, por muito tempo, principalmente nos anos 70 e 80, a TV aberta só passava jogos do Rubro-Negro. O Nordeste é flamenguista. O pessoal de lá ligava a televisão, pegava o rádio e consumia o Fla. Hoje, acontece algo semelhante com o Corinthians. O poder midiático é grande sobre o futebol e, consequentemente, o torcedor. Quanto mais exposição, mais “propaganda”, mais se discute, mais comenta, mais se difunde a imagem do clube. Olha o Barça, falando no global.

**8. Levando em consideração a cultura do espetáculo multimídia no esporte, você acredita que a apresentação e valorização do show das torcidas nas arquibancadas pode ser comparado a eventos de grande porte organizados por nomes importantes das artes em geral como aberturas de Jogos Olímpicos, shows de abertura e intervalo em decisões de determinados esportes?**

No Estados Unidos podemos comparar. Lá é show, um espetáculo midiático, enlatado, um produto. As pessoas ali querem aparecer, mais do que torcer. Aqui no Brasil ainda preservamos o amor ao clube, sentimo-nos parte dele. O time vai ganhar se a gente cantar, empurrar. É muito mais coração envolvido. E espero que continue assim. Pena que alguns insistem em extrapolar isso, partir para a ignorância. Tem coisa mais

legal que ir num estádio dividido, e ver aquela boa “guerra” de bandeiras, de cânticos e vibração?

## **APÊNDICE C**

**Entrevista com André Azevedo, presidente da Associação Nacional das Torcidas Organizadas e da torcida organizada são-paulina Dragões da Real.**

**1. Quanto mais bandeiras, balões e outros artefatos melhor, certo? Como se dá a organização da produção destes materiais?**

É melhor sim, só que hoje, com a onda de punições, essa organização se remete a pouco de nosso tempo. Hoje nos ocupamos mais com coisas ‘extra-torcida’ para tentar reverter casos como esse. Hoje somos mais politizados por força maior. Os estádios hoje parecem cemitérios.

**2. Nessa situação de violência, sabemos que o número de membros de organizadas é menor do que os ditos torcedores comuns, e aqueles que participam de brigas e confrontos é ainda menor. Existe algum tipo de orientação para evitar conflitos? Como as diretorias lidam com chamados 'brigões'?**

Essa resposta é bem singular pois cada torcida tem seu jeito de tratar desse tema, mas muitos acabam achando que as torcidas não fazem nada, o que é uma mentira. Agora o que não cabe à torcida é fazer trabalho do estado que por muitas vezes sabe quem são os problemáticos e não resolvem. Vivemos no país da impunidade e da preguiça pois querem que nós sejamos delatores e isso nunca vamos ser. Preferem punir as torcidas do que identificar os infratores pois é mais fácil e dá menos trabalho.

**3. No jornalismo vemos que muitas vezes surgem campanhas para o fim das organizadas. Como você vê isso?**

Vejo como falência do estado. Eles preferem segregar, banir e excluir do que educar. Eu sempre falo que o mau torcedor também é um cidadão e se você não o educa ele será ruim em todos os lugares que ele frequentar, ou seja, você tira ele do estádio e ele estará na rua, na padaria, na praia, mercado e etc.. O problema é que ele continuará sendo um mau cidadão marginalizado e excluído, e isso não o fará melhor. Fora que o banimento das torcidas também acarretará na morbidez dos estádios e garanto que televisão e jogadores vão sentir falta dessa alma.

**4. Há também matérias que convidam torcidas para falar especificamente sobre cantos criativos e que fazem sucesso (vemos isso aqui no RJ com Flamengo e**

**Vasco, por exemplo). Na última semana, também houve uma campanha de apoio à Gaviões pelo protesto no clássico contra o São Paulo. Acredita que esse tipo de defesa ajuda a fortalecer as organizadas em geral?**

Os problemas estão fazendo as torcidas se politizarem mais o que talvez seja o único ponto positivo de tudo isso, não existe hoje mais espaço para uma torcida com má conduta que ao menos não tente mostrar o contrário e isso está se tornando mais comum no mundo das Organizadas. Tudo isso vai além de protestos e projetos sociais. Hoje, vários torcedores organizados já estão entrando na política e sendo cada vez mais instruídos para combater essa segregação do sistema de forma igualitária.

**5. E o fato de simplesmente mostrarem imagens do 'show da torcida', que se sabe que é organizado pelas TO. Isso ajuda a fortalecer os grupos?**

No fim, todos criticam, mas usam as imagens, cantam as músicas. Jogadores e diretoria recorrem às mesmas quando precisam. Eu as vejo (a mídia) como um mal necessário que está se reinventando e mudando a forma de agir, se o sistema desse mais confiança ao invés de só proibir todos ganhariam com isso.

**6. Membros de organizadas costumam usar mais símbolos da torcida do que dos materiais ditos oficiais e produzidos pelos próprios clubes. Qual a real importância destes símbolos para as organizadas?**

O início de tudo isso foi o alto valor cobrado pelas grandes marcas e clubes por uma camiseta oficial. As torcidas historicamente têm mais povão, pessoas com menor poder aquisitivo e recorriam às torcidas para terem algo da marca de seu time. É óbvio que, com o passar dos tempos, muitas mudaram o conceito virando grandes marcas também, só que aí é outra história.

## 7. ANEXO

**Transcrição do vídeo “Tema da Vitória – Flamengo” publicado por Lucas Dantas no Youtube, cópia de matéria de Fernando Saraiva exibida no Globo Esporte, da TV Globo, no dia 5 de outubro de 2015.**

Apresentadora: Não tem como escapar. A vitória do Flamengo sobre o líder São Paulo é o tema do dia. O ‘Tema da Vitória’ cantado a todo vapor pela maior torcida do Brasil.

Repórter: Engarrafamento. De gente, de carros. Destino? Maracanã. Mas o que leva tanta gente ao estádio?

Torcedor 1: É paixão, é minha vida, é Flamengo, te amo.

Torcedor 2: Não estamos lutando por nada, mas estamos aqui, todos juntos. É a Raça, é o Flamengo, é coração.

Repórter: E quando todas aquelas pessoas de origens diferentes, com profissões diferentes, se juntam e se transformam em uma só. E aí fica fácil entende porque essa torcida é chamada de nação rubro-negra. No estádio, 68,031 torcedores. Recorde. Público pagante, 59,098. Recorde. Números que mantêm o Flamengo na liderança da estatística geral de público do Brasileirão. Nação que joga junto. E que tal o grito de gol multiplicado por 68 mil?

{sobe o som da torcida}

Repórter: Nas arquibancadas também há melodia. Antigos sucessos.

{sobe o som da torcida}

Repórter: E sucessos recém-lançados. A nova música é inspirada no ‘Tema da Vitória’ da Fórmula 1.

{sobe som da torcida}

Jogador 1: Muito bonito. Coisa linda demais. Emociona e está de parabéns.

{sobe som da torcida}

Jogador 2: Oh meu Mengão. Não tem coisa mais bonita que isso não.

{sobe som da torcida}

### **Letra do Tema da Vitória do Flamengo:**

Tu és time de tradição

Raça, amor e paixão

Oh, meu mengo!

Eu sempre te amarei  
Onde estiver, estarei  
Oh, meu mengo!

**Transcrição do vídeo “Juninho Pernambucano canta a música 'São Januário, meu caldeirão' junto com a torcida do Vasco” publicado por Vasco da Gama, cópia de matéria de Carlos Gil exibida no Esporte Espetacular, da TV Globo, no dia 29 de abril de 2012.**

Repórter: Uma relação que basicamente nasceu do amor entre jogador e uma torcida. Relação difícil de explicar com palavras. Que tal expressá-la com arte? Plástica, musical.

{sobe som dos torcedores}

Repórter: Essa é a história de uma idolatria monumental, de uma música que foi composta há seis anos, conquistou a torcida do Vasco no mundo inteiro. Mas só hoje o Juninho conseguiu conhecer o autor. Na verdade, os autores da música.

{sobe som dos torcedores}

Repórter: A canção cita o gol contra o River Plate, em Buenos Aires, na semifinal da Libertadores de 98, vencida pelo Vasco. Mas a letra é de 2006. Na época, Juninho nem estava mais no clube.

Jogador: Eu tava no Lyon ainda, acho que no meu quinto ou sexto ano, e foi a Giovana que falou: 'Pai, tem uma música no Vasco que cita você, que fala muito bem, é sobre o gol contra o River. Você já viu?' Eu falei não e aí ela colocou lá na internet, eu vi pela primeira vez.

{sobe som da torcida}

Jogador: Mas eu não tinha noção na época que era uma música cantada no estádio, em São Januário. Que era uma música cantada em todos os jogos do Vasco.

Repórter: Bingo tinha 16 anos quando ajudou a compor a canção que lidera até hoje a preferência da plateia vascaína.

Torcedor: Eu me lembro, principalmente, de um Vasco e Flamengo, no Maracanã. A torcida começou, o estádio inteiro cantando essa música, e arrepiou.

{sobe som da torcida}



Jogador: Talvez se eu não tivesse feito aquele gol, tivesse sido um outro jogador, talvez tivesse sido esse jogador citado. Acho que foi um pouco de sorte, aliado à minha dedicação, aliado a clube.

### Letra de Vasco Monumental:

Vou torcer pro Vasco ser Campeão,  
São Januário, meu caldeirão  
Vasco tua glória é tua história,  
é relembrar, o Expresso da Vitória  
Contra o River Plate sensacional (gol de quem?)  
Gol do Juninho, no Monumental  
Vou torcer pro Vasco ser Campeão,  
São Januário, meu caldeirão

Captura de Tela do Globo.com no dia 14 de fevereiro de 2016, referência 37



**globo.com**

Q encontre na globo.com BUSCAR

[g1](#) [globoesporte](#) [gshow](#) [famosos & etc](#) [tecnologia](#) [vídeos](#)

### Briga entre torcidas antes de clássico bloqueia via de SP

**Cristovam troca PDT pelo PPS e pode concorrer**

**Afastamento de Cunha aguarda notificação**

**Torcida aguarda clássico Vasco x Flamengo; siga**

**Torcedores do Fla depredam banheiro; fotos**

**Renan indaga sobre 'lado'**

**'Regra': Juliano vê sequestro**

**Tottenham faz contra City no Inglês; siga aqui**

**Lances: Bayern abre contra o Augsburg**

- Adélia mete a colher na bucha de 'Cathou'
- Ascânio chantageia Tóia
- Modê se encerra a festa

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELIAS, Norbert.; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1992.
- FILHO, Mario. **Blacks in Brazilian Football**. Ministério do Esporte do Brasil. Brasília, 2014.
- HOLANDA, Bernardo. **Torcidas Organizadas no Brasil e na França: Considerações Preliminares para uma comparação**. Disponível em: [www.razonypalabra.org.mx](http://www.razonypalabra.org.mx). Acesso em 17 de janeiro de 2016.
- IANSON, Giselle. **Os critérios de seleção de notícias: Análise comparativa entre o Jornal Nacional e a Folha de S. Paulo**. FACULDADE CÁSPER LÍBERO. Mestrado em Comunicação. São Paulo, 2010.
- MELO, Victor. **Cinema & Esporte: diálogos**. Aeroplano Editora. Rio de Janeiro, 2006.
- MOREIRA, Fabiana. **Os Valores- notícia no Jornalismo Impresso: Análise das “Características Substantivas” das notícias nos jornais Folhas de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo**. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, Junho 2006.
- MURAD, Maurício. **A Violência no Futebol**. Benvirá. São Paulo, 2012.
- PALHARES, Marcelo, SCHWARTZ, Gisele, et al. **Lazer, agressividade e violência: considerações sobre o comportamento das torcidas organizadas**. Motriz, Rio Claro, v. 18, n. 1, p. 186-199, jan./mar. 2012.
- PIMENTA, Carlos. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. São Paulo em Perspectiva. v.14 n.2 São Paulo abr./jun. 2000.
- ROUQUETTE, Michel-Louis. **Massas, normas e violência**. Ciência & Saúde Coletiva. v. 4, n. 1, p. 201-204, 1999.
- SANTOS, Tarcyanie. **Dos Espetáculos de Massa às Torcidas Organizadas: Paixão, Rito e Magia no Futebol**. Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- SOUZA, Luis. **Sociedade, Futebol, Torcidas Organizadas e Educação: da violência explícita às contradições não evidentes**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Programa de Doutorado, 2014.
- TOLEDO, Luís Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Editora Autores Associados, São Paulo, 1996.
- Portal Terra, **Torcida do Chelsea impede negro de entrar no metrô de Paris**. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/internacional/liga-dos-campeoes/torcida-do-chelsea-impede-negro-de-entrar-no-metro-de-paris,cfe625bbb1c9b410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em 6 de janeiro de 2016.
- Porta Terra, **Por racismo, torcedores do Chelsea são banidos de estádios**. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/por-racismo-justica-bane-torcedores-do-chelsea-dos-estadios-por-5-anos,59b43c04bb1825cdd1f2feddfa35e3febzx7RCRD.html>. Acesso em 6 de janeiro de 2016.
- Portal G1, **PM detém torcedores após brigas antes de clássico Fluminense x Vasco**. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/02/pm-detem-torcedores-apos-brigas-antes-de-classico-fluminense-x-vasco.html>. Acesso em 6 de janeiro de 2016.

Portal G1, **TJ-RJ suspende torcidas organizadas de Vasco e Fluminense por 1 ano.** Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/justica-suspende-young-flu-e-forca-jovem-do-vasco-por-1-ano-de-estadios.html>. Acesso em 6 de janeiro de 2016.

Goal Brasil, **Papel do torcedor no #OcupaCBF é resgatar as raízes do futebol brasileiro.** Disponível em: <http://www.goal.com/br/news/3599/futebol-nacional/2015/12/16/18416612/papel-do-torcedor-no-ocupacbf-%C3%A9-resgatar-as-ra%C3%ADzes-do>. Acesso em 1º de fevereiro de 2016.

Globoesporte.com, **'Vasco' por Romário e fã de Neymar e Juninho, Henry vira 'menino do Rio'.** Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2013/01/vasco-por-romario-e-fa-de-neymar-e-juninho-henry-vira-menino-do-rio.html>. Acesso em 16 de fevereiro de 2016.

Nielsen, **Super Bowl 50 draws 111.9 million TV viewers, 16.9 million tweets.** Disponível em: <http://www.nielsen.com/us/en/insights/news/2016/super-bowl-50-draws-111-9-million-tv-viewers-and-16-9-million-tweets.html>. Acesso em 16 de fevereiro de 2016.

Ibope, **Flamengo e Corinthians são os times brasileiros com mais torcedores e simpatizantes.** Disponível em: <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/flamengo-e-corinthians-sao-os-times-brasileiros-com-mais-torcedores-e-simpatizantes/>. Acesso em 28 de fevereiro de 2016.

Blog do Juca Kfour, **A revolução virá das arquibancadas.** Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2016/02/a-revolucao-vira-das-arquibancadas/>. Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

ESPN Brasil, **Juca defende Felipe e apoia protestos da torcida do Corinthians: 'Só na cabeça de um imbecil é proibido'.** Disponível em: [http://espn.uol.com.br/video/578070\\_juca-defende-felipe-e-apoia-protestos-da-torcida-do-corinthians-so-na-cabeca-de-um-imbecil-e-proibido](http://espn.uol.com.br/video/578070_juca-defende-felipe-e-apoia-protestos-da-torcida-do-corinthians-so-na-cabeca-de-um-imbecil-e-proibido). Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

NE10, **NE10: as torcidas organizadas devem ser banidas do futebol?** Disponível em: <http://noticias.ne10.uol.com.br/interior/agreste/noticia/2016/02/22/ne10-as-torcidas-organizadas-devem-ser-banidas-do-futebol-598106.php>. Acesso em 1º de março de 2016.

ESPN Brasil, **Brigas entre torcedores de Atlético-PR e Vasco paralisam jogo em Joinville.** Disponível em: [http://espn.uol.com.br/noticia/375022\\_brigas-entre-torcedores-de-atletico-pr-e-vasco-paralisam-jogo-em-joinville](http://espn.uol.com.br/noticia/375022_brigas-entre-torcedores-de-atletico-pr-e-vasco-paralisam-jogo-em-joinville). Acesso em 1º de março de 2016.

Portal G1, **Presidente do Atlético-PR sugere que torcida do Vasco premeditou briga.** Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/12/presidente-do-atletico-pr-sugere-que-torcida-do-vasco-premeditou-briga.html>. Acesso em 1º de março de 2016.

Jornal Exrtra, **Rivals desde barbárie em Joinville, organizadas de Vasco e Atlético-PR marcam encontro em São Paulo.** Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/vasco/rivals-desde-barbarie-em-joinville-organizadas-de-vasco-atletico-pr-marcam-encontro-em-sao-paulo-15386740.html>. Acesso em 1º de março de 2016.